



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.
CENTRO COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES.
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS.
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO.

MIGUEL DOS SANTOS FERREIRA

**E O BARCO NAVEGA...
CONTANDO E RECONTANDO HISTÓRIAS
NA ESCOLA DA PENHA**

JOÃO PESSOA

2020.

MIGUEL DOS SANTOS FERREIRA

E O BARCO NAVEGA...

CONTANDO E RECONTANDO HISTÓRIAS NA ESCOLA DA PENHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca de qualificação do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Teatro

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Líria de Araújo Morais

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Chiamulera

JOÃO PESSOA

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F383b Ferreira, Miguel Dos Santos.

E O BARCO NAVEGA... CONTANDO E RECONTANDO HISTÓRIAS NA
ESCOLA DA PENHA / Miguel Dos Santos Ferreira. - João
Pessoa, 2020.

63f. : il.

Orientação: LÍRIA DE ARAÚJO MORAIS.

Coorientação: MARCIA CHIAMULERA.

Monografia (Graduação) - UFPB/DAC.

1. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIAS, TEATRO, PENHA. I.
MORAIS, LÍRIA DE ARAÚJO. II. CHIAMULERA, MARCIA. III.
Título.

UFPB/CCTA

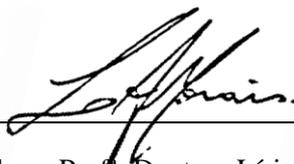
FOLHA DE APROVAÇÃO

MIGUEL DOS SANTOS FERREIRA

E O BARCO NAVEGA...

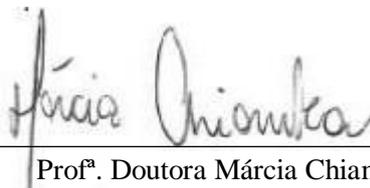
CONTANDO E RECONTANDO HISTÓRIAS NA ESCOLA DA PENHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Teatro, pela seguinte banca examinadora:



Orientadora - Prof.^a Doutora Lúcia de Araújo Morais

Centro de Comunicação Turismo e Artes - CCTA
Departamento de Artes Cênicas - DAC - UFPB.



Prof.^a Doutora Márcia Chiamulera

Centro de Comunicação Turismo e Artes - CCTA
Departamento de Artes Cênicas – DAC - UFPB.

Prof.^a Mestre Lúcia Gomes Serpa

Centro de Comunicação Turismo e Artes - CCTA
Departamento de Artes Cênicas – DAC - UFPB.

João Pessoa, 06 de abril de 2020.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, a Nossa Senhora da Penha e a Iemanjá que juntos conspiraram emanando energia positiva durante a elaboração desse trabalho; ao meu pai, meu companheiro e minhas irmãs que sempre estiveram do meu lado.

Agradecimento em especial, a minha “Mainha” por todas as histórias contadas, por todo suor derramado, mesmo com muita dificuldade sempre esteve presente. Gratidão por todo o apoio durante minha trajetória de vida. És uma guerreira minha “Mainha”.

A minha Orientadora Professora Doutora Líria Morais pelo empenho dedicação ao meu trabalho de conclusão de curso, pelas palavras de apoio e por nunca soltar minha mão. És exemplo que todo docente que seguir, serás sempre lembrada maravilhosa, és muito especial.

A minha Coorientadora Professora Doutora Márcia Chiamulera que sempre se fez presente e me guiou nos momentos mais importantes desse trabalho de conclusão de curso. Gratidão. A Professora Doutora Lúcia Serpa, por ser minha maior inspiração na docência, gratidão por todo incentivo. És uma alma iluminada. E a Maurício Barbosa por ser o meu professor-preceptor durante a residência pedagógica, e me ajudar muito durante as regências das aulas.

Por fim aos meus amigos que se fizeram presente durante a minha trajetória no curso de Licenciatura em Teatro e aos parceiros da orientação, por toda a ajuda e apoio durante este período tão importante da minha formação acadêmica.

Gratidão!

RESUMO

Contar histórias é uma tradição que atravessa as barreiras do tempo e está presente em toda a trajetória humana. O presente trabalho tem como objetivo investigar a contação de história no processo de ensino e aprendizagem do teatro, tomando como ponto de partida as memórias individuais e coletivas de alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Santos Coelhos Neto, conhecida como Escola da Penha. Neste trabalho de conclusão, está organizado um breve apanhado histórico sobre a contação de histórias e suas técnicas, dialogando com autores como Maurice Halbwachs, Walter Benjamin, Cléo Busatto, Celso Cisto, Candice Nogueira e Santos Tigre. O texto é construído considerando, também, as memórias pessoais do autor que são relatadas e analisadas junto a sua trajetória como docente durante o estágio da Residência Pedagógica.

Palavras-Chaves: contação de história, memórias coletivas, bairro da Penha, ensino de teatro na escola.

ABSTRACT

Storytelling is a tradition that crosses the barriers of time, being present in every human trajectory. The present work aims to investigate the storytelling in the teaching and learning process of the theater, having the memories of the students of the 4th year of elementary school, as a basis for the construction of narrative. The field was Antônio Santos Coelhos Neto Municipal Elementary School, known as Escola da Penha. In this course conclusion work I will make a brief historical overview about storytelling and its techniques, dialoguing with authors such as Maurice Halbwachs, Walter Benjamin, Cléo Busatto, Celso Cisto, Candice Nogueira and Santos Tigre. Based on personal memories, I report and analyze my career as a teacher in the pedagogical residency.

Keywords: storytelling, narrative, collective memories, Penha neighborhood. teaching theater at school, counting techniques, paper boat.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 A PENHA: LEMBRANÇAS DE FÉ E MAR	13
1.1	14
1.2	16
CAPÍTULO 2 SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS – AUTORES E CONTADORES	20
CAPÍTULO 3 EXPERIÊNCIAS GUIADAS POR FATOS CONTADOS	29
3.1 A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA ESCOLA DA PENHA	29
<i>3.1.1 A importância do teatro na educação básica.</i>	30
3.2 PENSAR, PLANEJAR E EXECUTAR	31
3.3 AMOR À PRIMEIRA VISTA	33
3.4 OBSERVANDO E COMPREENDENDO	35
3.5 CONTANDO, RECONTANDO E TEATRALIZANDO	37
<i>3.5.1 Meu primeiro contato com a regência-experiências realizadas-piloto com o 6º ano</i>	
A.	37
3.6 EM UMA NOVA EMBARCAÇÃO	42
<i>3.6.1 História de pescador</i>	44
<i>3.6.2 Contando e recontando memórias</i>	46
<i>3.6.3 Os pescadores de histórias</i>	47
<i>3.6.4 A cada canto, um reconto (1ª parte)</i>	49
<i>3.6.5 A cada canto, um reconto (2ª parte)</i>	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59

Os malfazejantes

Em um dia, num certo dia um
navio malfazejante e bem quando
eles estavam navegando para uma
grande aventura de uma ilha
desconhecida mais eles se perderam
e acompanharam numa pequena ilha
e muita gente ficou com fome
mas bem no lado tinha uma
vila chamada Penha e ali iria
ter uma festa com muita comida
chamada festa da Nossa S^ã da Penha
então os pessoas da Vila começaram
todas os malfazejantes para ir
a festa, eles aceitaram, comeram
e finalmente eles partiram para
a aventura da ilha, o mar
estava mais calmo e
e todos viveram uma grande
aventura fim!



Figura 1 - Narrativa produzida pela Aluna Maria Luiza do 4º ano. Sua obra narra o naufrágio de um navio em uma linda ilha, onde o povo da Penha fez o salvamento. Terminado tudo em festa.

INTRODUÇÃO

Há algum tempo, mais precisamente no ano de 2009, tive a oportunidade de começar a experimentar a vida de docente, trabalhei por dois anos como instrutor/oficineiro de teatro no projeto Mais Educação, o qual era desenvolvido na rede pública de ensino na E.M.E.F Professor Durmeval Trigueiro Mendes, e em 2011 fui convidado para dirigir a montagem de um auto de natal em uma escola particular.

Em 2012 ingressei no curso de Teatro na UFPB e, no meu segundo período, fui convidado para fazer parte do quadro de professores, em uma escola da rede particular de ensino, porém não para lecionar apenas teatro e sim de artes em geral.

Eu tinha certeza que queria ser diferente, desejava ter uma didática melhor que as de professores de educação artística/artes que tive a oportunidade de conviver em minha trajetória na educação básica, os quais se limitavam apenas a metodologias tradicionais, a aulas expositivas e desenhos constantes em folha de papel. Enquanto aluno no ensino fundamental, queria ver algo novo como: dança música e teatro. Desejava ter aulas de teatro durante minha trajetória na educação básica

Nunca entendi o porquê das atividades relacionadas à área de artes se chamarem educação artística e se limitarem apenas ao ato de desenhar. Sabe-se que o ensino de Educação Artística foi regulamentado em 1971, porém não era obrigatório e, quando existia nas escolas, a prioridade do ensino era relacionada à área das artes visuais, e só passou a ser obrigatório o ensino de arte na educação básica das escolas brasileiras a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 20 de dezembro de 1996. Então, considerando as novas leis, estudei maneiras de inserir o ensino de teatro, dança e música dentro dos conteúdos anuais que precisavam compor o planejamento e a prática em sala de aula junto aos meus alunos.

Nesse sentido, precisei encontrar estratégias e habilidades que me ajudassem a superar as dificuldades encontradas em sala de aula. Dentro do percurso da vida acadêmica, participei da primeira turma de contação de histórias. A disciplina foi ministrada pela professora Lúcia Serpa e, exatamente naquele momento, eu encontrei o que buscava como prática potencializadora para ensino de teatro na educação formal.

A contação de histórias passou a fazer parte dos meus planos de aula e a minha paixão pela licenciatura só aumentou. No segundo semestre de 2018, fui aprovado para ser residente

do Projeto Residência Pedagógica promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e nessa vivência realizado pela UFPB, que tem o objetivo de contribuir para a formação dos alunos de licenciatura, possibilitando a experiência mais aprofundada na prática pedagógica. No processo de divisão dos residentes, fiquei com o professor-preceptor Maurício Barbosa, e o local de execução do projeto seria na escola da Penha.

O bairro da Penha faz parte de minha vida, a tradição religiosa e a devoção de minha mãe por Nossa Senhora da Penha, fez com que eu pudesse vivenciar anteriormente os aspectos sociais desse lugar. Sempre ouvi dizer, por pessoas mais velhas, que a Penha era um dos bairros mais antigos de João Pessoa e daí veio a curiosidade de saber a história daquele lugar, de seu povo, seus costumes e sua cultura.

Durante toda a regência das aulas percebi que os alunos não tinham a consciência da importância do bairro da Penha para a cidade de João Pessoa. Não sabiam a história de sua comunidade, como também, sua rica cultura. Por se tratar de algo normal no dia a dia deles, os elementos como o barco, o mar e a fé cristã passavam despercebidos em seu cotidiano. Com a exploração detalhada de cada símbolo, o interesse de pesquisa foi se aprimorando e o ato de pescar, por exemplo, poderia virar narrativa. Foi desse encontro que surgiu vários pensamentos do que poderia ser trabalhado no contexto da sala de aula, no qual resultou em minha pesquisa para o TCC.

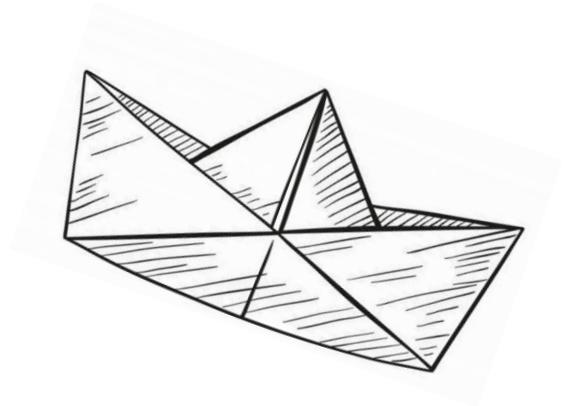
Esse estudo se trata de uma pesquisa qualitativa na área do ensino de artes com a utilização da prática da contação de histórias que parte de dados relacionados à história de vida daqueles envolvidos na construção da contação. Como campo da pesquisa, utilizamos a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Santos Coelho Neto, ora conhecida popularmente como Escola da Penha. A pesquisa teve como objetivo investigar a contação de história no processo de ensino e aprendizagem do teatro na turma do 4^a ano B do fundamental I. A turma era composta por 32 alunos com faixa etária de 09 a 12 anos. Previamente a essa experiência, algumas aulas foram lecionadas para o 6^o ano A, onde, de modo piloto, foi possível experimentar as primeiras aulas de teatro com contação de história.

Como ferramenta para a pesquisa, foram utilizados um diário de campo, onde descrevo toda minha experiência na trajetória da pesquisa; a coleta de narrativas por meio de entrevistas não estruturadas; registros fotográficos, ilustrações feitas pelos alunos também são parte documental da pesquisa. Como fio condutor, foram utilizadas minhas narrativas pessoais, diálogo e reflexões junto a alguns autores como: Maurice Halbwachs, que

fundamenta a discussão sobre memória; Walter Benjamin, que facilitou a compreensão sobre narrativas; Celso Sisto; Cléo Busatto; Regina Machado e Candice Nogueira que ajudaram a compreender aspectos da contação de histórias. Além destes, foram utilizadas também as ideias de Ingrid Koudella e Flávio Desgranges com os quais busco fundamentar o entendimento do Teatro na educação.

Assim, a pesquisa está dividida em três capítulos e considerações finais. No capítulo 1, há uma narrativa pessoal sobre minha relação com o bairro da Penha e a importância das memórias para produção de narrativas. No segundo capítulo, apresento um breve histórico sobre a contação de histórias, dialogando com autores e contadores. No terceiro capítulo, descrevo e analiso minha trajetória como docente na residência pedagógica.

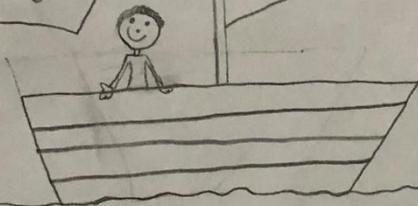
Sinta-se convidado (a) a embarcar nesse pequeno barquinho de papel para juntos navegarmos pelo universo da contação de histórias.



Jennifer

O Pescador que procurava uma ilha!

Que lindo dia para navegar!



Ai que fardo vou fazer um sanduicho!



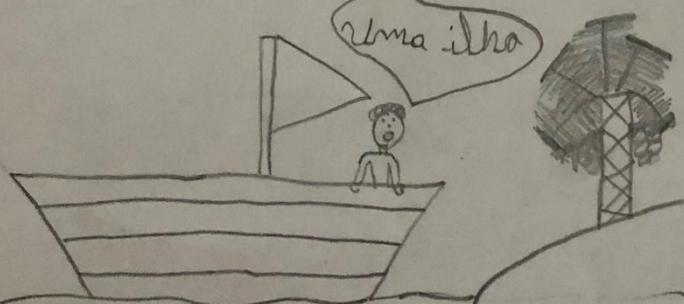
Tem varios feixes um mais bonito que o outro



O que é aquilo?



Uma ilha



Essa ilha é enorme



Eu estou muito feliz



Fim

Figura 2 - Ilustração produzida pela aluna Jennifer, do 4º ano. Sua obra narra a chegada de um pescador em uma linda ilha. Ilustração inspirada na contação de história sobre a chegada dos espanhóis na Penha.

CAPÍTULO 1

A PENHA: LEMBRANÇAS DE FÉ E MAR

Antigamente, Aratú, se olhar no mapa, fica na região sul.

Hoje chamamos de bairro da Penha, nome dado devido a uma santa vinda lá das brenhas.

A Penha é um cantinho cheio de natureza, ao chegar naquele lugar encontramos tanta beleza.

Com o povo acolhedor e cheio de energia, às vezes se confunde com mar e calmaria.

Miguel Reberth¹

Fé, devoção, mar, beleza, pesca, suor, histórias, ritmos e pessoas. Essas e tantas outras palavras poderiam ser relacionadas à Penha, que é um dos mais antigos bairros da cidade de João Pessoa-PB. Localiza-se na área urbana, próximo a Ponta do Seixas ponto mais oriental das Américas. Tem como limites o rio do Cabelo ao norte e o riacho de Jacarapé ao sul; lugar bonito com areia batida, coqueiros e recifes emoldurando as águas calmas.

Com grande potencial turístico, que recebe eventos religiosos como a romaria da Penha que acontece há 256 anos consecutivos, tem o santuário, a festa da padroeira e movimentos culturais como as famosas Sereias da Penha que transformam escamas de peixes em biojóias. Banhada pelo oceano Atlântico, tendo o mar como sua origem começou a ser povoada por uma colônia de pescadores e hoje mais de mil famílias formam a comunidade local.

Uma das conexões passíveis de identificação com a história de um determinado lugar se dá quando a nossa própria história de vida perpassa por momentos e tempos diferentes em um determinado lugar que se torna uma paisagem imbuída de sentidos quando as lembranças são evocadas, faladas e contadas. Nesse caso, a memória se torna um terreno fértil da constituição do sentido de si mesmo em determinado lugar. O autor Ewald Hering (1920, p.63 apud MOURÃO, & FARIA, p.03, 2015) reflete que “A memória recolhe os incontáveis fenômenos de nossa existência em um todo unitário; não fosse a força unificadora da memória, nossa consciência se estilhaçaria em tantos fragmentos quantos os segundos já vividos.”. Essa afirmação ajuda nos pensar que as lembranças pessoais enquanto uma

¹ Nome artístico do autor. Texto poético para me referir às memórias pessoais do bairro da Penha.

potência dessa conexão entre memória e lugar, como também a elaboração da narrativa dessas lembranças como uma construção que revela novas conexões no presente.

1.1 E ASSIM COMEÇA MINHA HISTÓRIA COM A PENHA...

Minha história com esse lugar começa através da fé. Há algum tempo, mais precisamente 1999, há vinte anos, ao realizar uns exames fui diagnosticado com hepatite A adquirida por meio de uma contaminação alimentar. Muito doente, passando por um tratamento muito severo, com medicações intensas, minha Mãe teve um sonho com uma santa. Ao reconhecer que era Nossa Senhora da Penha, resolveu fazer um pedido.

- Minha Nossa Senhora da Penha, creio que é a senhora minha mãe. Salva a vida do meu Miguel, sei que és forte e poderosa. Não tenho muito a te ofertar, tenho apenas a minha fé, prometo levar meu menino até sua casa, minha santa.

A promessa estava feita. Se da enfermidade me curasse, teria que pagá-la. Sair do bairro de Mangabeira onde resido, até o santuário da Penha, distância essa que dá um total de 7,9km. Durante todo o trajeto tinha que colher flores brancas e ofertar aos pés da santa. E assim aconteceu. Depois de alguns exames, estava livre da hepatite.

Chegou o dia de pagar promessa, em meio à infância, com sete anos de idade, não entendia muito bem o que estava acontecendo. Minha mãe me acordou ainda de madrugada.

- Meu filho acorde, vamos lá, na casa da santinha.

- Mainha, ainda está escuro...

- Venha tomar seu banho. Vista essa roupa branca viu, vou ajeitar a bolsa. As meninas da rua já estão esperando a gente, e Dona Marilene (grande amiga de “Mainha”) vai com a gente. Cuide logo, deixe de moleza...

“Mainha” me deu banho e me vestiu todo de branco, colocou uma garrafa com água em uma bolsa, pegou um terço que nem sabia utilizar direito, chamou as vizinhas da rua e saímos em caminhada. Cantos católicos embalaram cada passo e, ao ver uma flor branca, ia recolhendo e formando um buquê. Na verdade, não entendia nada sobre o que ocorria naquele momento. As mulheres rezavam e cantavam a todo o momento e as flores eu pegava e guardava.

O sol começava a clarear no céu e me deparei repentinamente com uma grande multidão. Era gente que não acabava. Todos cantando a mesma música que minha mãe cantava. “Oh Senhora Penha, abrandai as dores, de todos os dias, de nós pecadores...”. Foi naquele instante que percebi que apenas eu estava com um monte de flores brancas.

Ao questionar minha mãe, a resposta foi direta, “Meu filho só posso lhe dizer no final, olha lá, pega a flor para santinha, ela vai ficar feliz”. E assim eu fiz no meio da multidão que a cada minuto aumentava mais e mais. Já era dia quando chegamos num lugar com muita gente de joelhos, chorando e rezando. Estava achando tudo aquilo muito interessante e muito curioso.

Minha mãe pegou as flores de minha mão, por sinal havia bastante, juntou-as todas como um buquê, envolveu-as com um terço e mandou que eu entrasse em uma casa. Existiam perna de cera, cabeça de barro, muitas fotos, tantas réplicas de casinhas e vários barcos. Era a casa dos ex-votos, deixei as flores, entrei no santuário, minha mãe me apresentou para a santinha e se pôs a chorar, era um choro silencioso e com muito afeto. Ao sair daquela igreja, avistei uma escadaria com uma grande movimentação de pessoas e no final dela um enorme mar azul.

Mesmo ainda sem entender o que ali estava fazendo, meu coração era pura calma, um sentimento de muito amor e proteção materna. Hoje compreendo tudo que aconteceu e, todas as vezes que chego naquele ambiente, essa linda lembrança passa como filme diante aos meus olhos.

O tempo passou, chegamos ao ano de 2011. Ano que resolvi trilhar novos caminhos e entrar para o mundo acadêmico. Antes o ingresso para a universidade se dava através de um processo seletivo seriado, porém as provas eram sempre nos últimos finais de semana de novembro, mesmo período da romaria da Penha. Estava meio desmotivado, pois no ano anterior havia prestado vestibular para biologia e não obtive êxito.

Apeguei-me mais uma vez a Nossa Senhora da Penha, pedi com tanta fé que o meu objetivo fosse alcançado. Ela ouviu minhas preces e, com a nota obtida, consegui minha vaga para cursar Licenciatura em Teatro na UFPB, passei para história na UFCG e ainda entrei na segunda chamada para design de interiores no IFPB. Nada melhor que a junção de dedicação e fé.

Todas as vezes, até quando era pequeno, ao chegar à Penha, parava e observava a diversidade de barcos naquele mar tão imenso e azul. Ficava a pensar que cada barquinho

daquele, tinha, sem dúvidas, uma história para contar. Em 2015 fiz minha iniciação ao candomblé, religião de matriz africana que, sem dúvidas, tomou conta de meu coração. Religião essa que me aproximou ainda mais do mar, pois sou filho de Iemanjá.

Ao fim da minha iniciação, fui ao mar deixar um presente para meu Orixá. Um barquinho azul, com algumas flores brancas perfumadas com alfazema. E o mar escolhido foi o mais azul que os meus olhos já viram, o mar da Penha. Mais uma vez a fé e o mar se cruzam em minha vida, dessa vez com a presença dos barquinhos.

E diante de todos os fatos contados, alguns acreditam e outros acham apenas coincidências. Eu acredito que tudo foi resultado de minha fé. Por diversos momentos de dificuldade, recorria às minhas três figuras maternas: minha mãe, Nossa Senhora da Penha e Iemanjá. Sempre obtive respostas. Dessas afetuosas lembranças, trago elementos simbólicos que, de certa forma, se fazem presentes em meio às minhas contações de histórias: o mar, a fé e os barquinhos.

O tempo passou, em 24 de novembro de 2018 à noite, estava ali mais uma vez no bairro da Penha. Nunca havia ido à noite, sem ser dia de festejos religiosos. O vento carregando o som do mar, a calmaria do seu povo, apenas alguns ônibus saindo e outros chegando. Ao observar tudo em minha volta, deparei-me com uma escola de fachada simples, porém naquele momento seria um portal para grandes saberes e descobertas.

Dessa vez, o que me trazia até a Penha não era a religião e sim a academia. O objetivo de minha ida aquele lugar tão simbólico era de realizar uma visitação, junto com o professor preceptor Maurício Barbosa, para a primeira fase do projeto Residência Pedagógica. Aquela sensação do novo fez desabrochar várias lembranças, memórias e sensações em mim. Era como se estivesse revivendo mais uma vez tudo o que eu havia passado. Impossível não lembrar do momento em que pedi a Nossa Senhora da Penha para passar no vestibular. E agora retornar como aluno pesquisador do curso de Licenciatura e Teatro pela Universidade Federal da Paraíba, foi extraordinário.

1.2 LEMBRANÇAS JUNTOS E A SÓS, SE CRUZAM, SE PASSAM, DÃO UM NÓ...

Todas as vezes que retornei ao bairro da Penha, minhas lembranças ganhavam novos significados. O sociólogo Maurice Halbwachs, em sua obra “ A memória coletiva” de 1950, com publicação póstuma, diz que a lembrança é formada de reconhecimento e reconstrução. Para Halbwachs (1950), o indivíduo não é mais o mesmo de quando viveu aquele acontecimento, assim, acontece um reconhecimento de si, proporcionando uma reconstrução da memória.

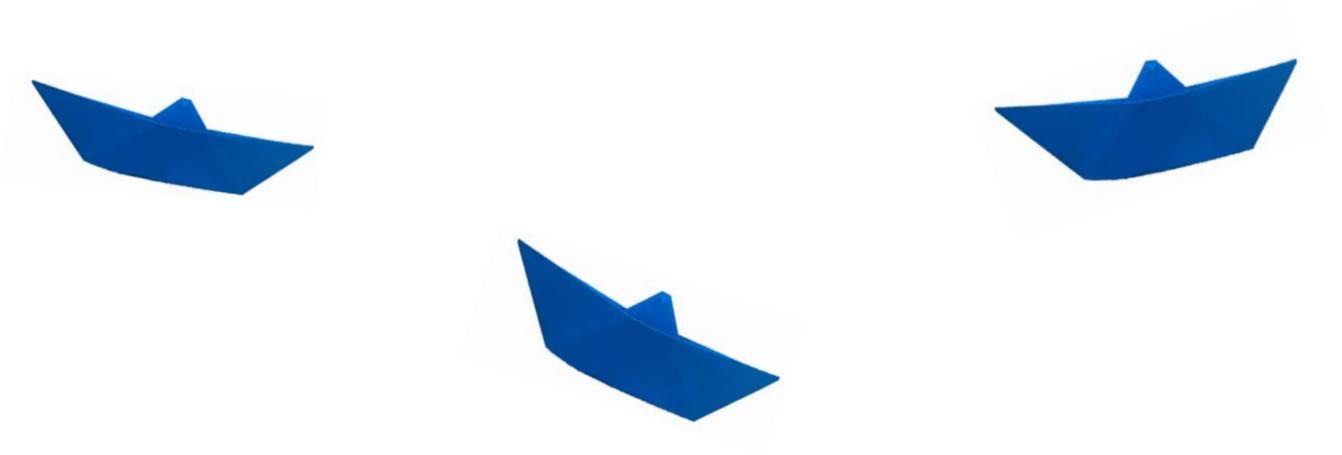
[...] quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas. Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. (HALBWACHS, 1950, p. 25).

Sempre ao conversar com minha mãe sobre acontecimentos da infância, onde geralmente falamos sobre os fatos ligados a Penha, percebo que facilmente lembro de cada detalhe. É como se tivéssemos um mesmo quadro de lembranças juntos. Para Halbwachs (1950), essa possibilidade de várias pessoas identificarem um acontecimento passado é denominada memória coletiva:

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 1950, p. 25).

A partir dessas ideias, é possível afirmar que a memória coletiva, como perspectiva de uma lembrança em comum com outras pessoas, torna-se uma ferramenta importante para a contação de histórias, considerando que há sentidos e detalhes que se diferenciam individualmente, mas, ainda assim, com a possibilidade de criação de sentidos coletivos para alguns elementos. Tomemos como exemplo a minha relação com a lembrança dos barquinhos de pesca que perpassa por vários momentos da minha história de vida com um significado único e pessoal, contudo a utilização desses mesmos barquinhos na escola, entre alunos moradores da Penha, ganha um sentido coletivo com suas respectivas histórias pessoais ou ainda para a minha mãe, quando narra um acontecimento que estive presente, cruza-se o sentido da sua vivência junto a minha história de vida, quando, por exemplo, lembramos de nossa caminhada até o santuário da Penha com objetivo de pagarmos nossa promessa.

E com barquinhos de papel, seguimos em busca de mais lembranças. Vamos navegando pelo universo das contações de histórias. Escolha seu barquinho e coloque-o meio ao mar, lembranças serão aguçadas e lembradas. Sejam histórias dos *griots*, dos mestres populares, de grandes autores ou de “Mainha”.



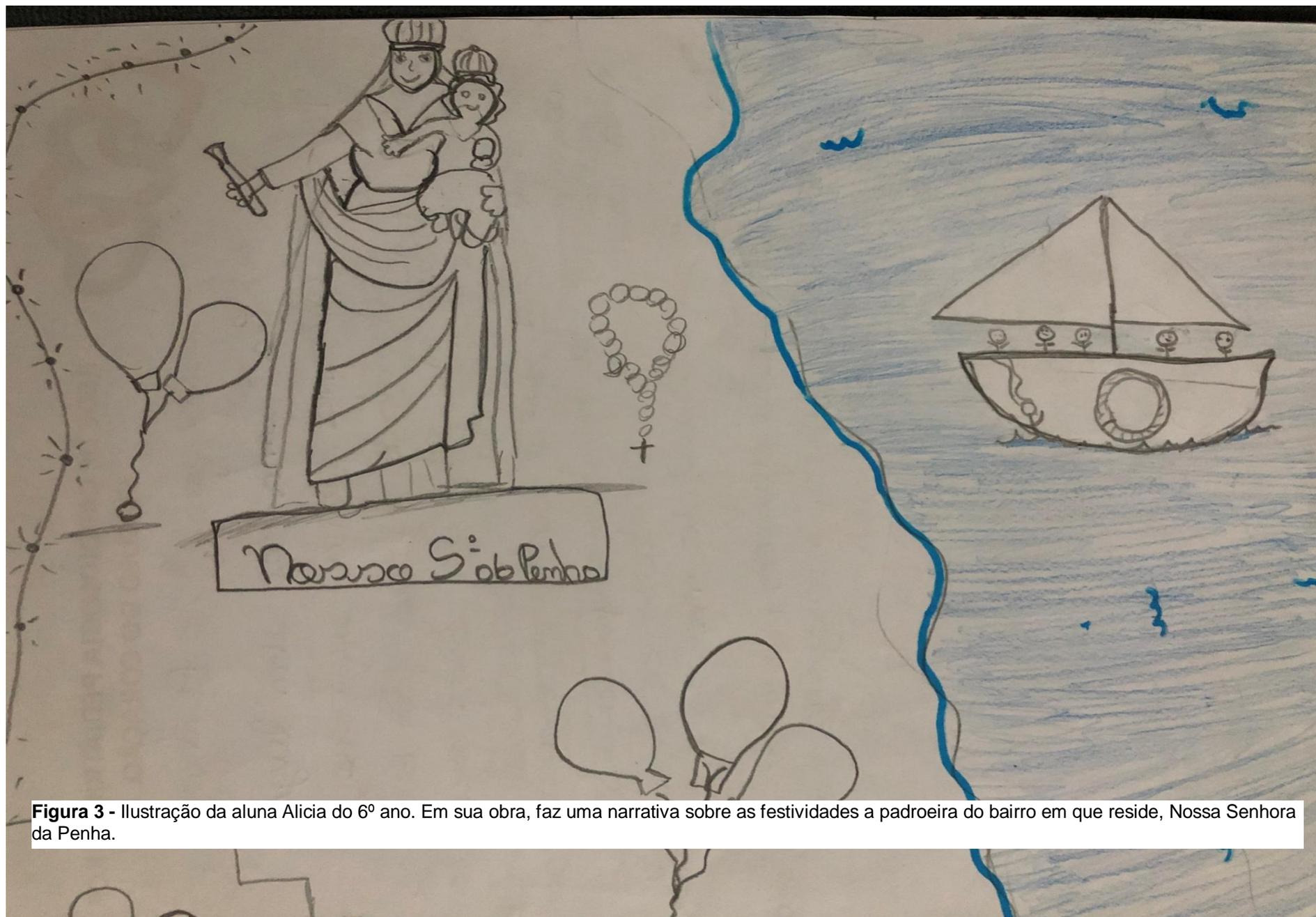


Figura 3 - Ilustração da aluna Alicia do 6º ano. Em sua obra, faz uma narrativa sobre as festividades a padroeira do bairro em que reside, Nossa Senhora da Penha.

CAPÍTULO 2

SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS – AUTORES E CONTADORES

Contar histórias é uma tradição que atravessa as barreiras do tempo e está presente em toda a trajetória humana. Podemos encontrá-la em vários momentos de nosso cotidiano, seja ao relatar um acontecimento em volta de uma fogueira, em uma ceia familiar, em confraternizações, ao reger uma aula e, até mesmo, em um processo de montagem teatral dentro ou fora da sala de aula. Desperta a imaginação, as emoções, o interesse e as expectativas. Ouvir uma história e/ou contá-la e recontá-la é uma maneira de preservar as culturas, os valores e compartilhar conhecimentos.

Os *Griots*/Griôs, termo que tem sua origem no processo de colonização do continente africano, sendo a tradução para o francês da palavra portuguesa – criado - no Brasil, foi adotada a palavra griô. Os grandes mestres da cultura africana, sem dúvidas são referências na arte de contar histórias. Escrever sobre os *griots* é fazer uma viagem no tempo. Aprender sobre uma ancestralidade que permanece presente em nosso meio até os dias atuais e mantém viva a cultura da oralidade. Existe uma expressão africana que melhor define o momento para falarmos dos *griots*, “*kwesukesukela...*” “Era uma vez, há muito tempo”. Isac Bernat em sua obra “Encontros com o griot Sotigui Kouyaté”, faz a seguinte definição sobre o que são os *griots*:

Além de artista, músico, contador de histórias, genealogista, conselheiro de reis, o griot é, sobretudo, o personagem que vai mediar toda espécie de conflito. A transmissão de conhecimento para a formação e educação da comunidade a que pertence também é outra característica importante no que se refere à sua atuação na sociedade. Isso se dá através de provérbios que conta e que sempre sintetizam uma filosofia de vida que passa de pai para filho. (BERNAT, 2013, p.51).

No livro “A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares” (2012) são apresentados artigos de diversos narradores de várias partes do Brasil e também de outros países, mostrando os seus olhares sobre a contação de história em meio a contemporaneidade. O escritor Celso Sisto em seu artigo “O griô que eu não sou e as histórias africanas que me enredam - As histórias africanas: uma herança viva” (2012) descreve, de maneira parcial, os *griots* como uma espécie de historiador africano ou um contador de história de vilarejo.

Os griôs, os condutores do rito do ouvir, ver, imaginar, participar, são artesãos da palavra. Trabalham a palavra, burilam, dão forma, transformam-na em objeto artístico. São eles os mantenedores da tradição oral africana, nos últimos setecentos

anos, sem dúvidas[...] umas das coisas mais marcantes da atuação de um griô é a possibilidade de reconstruir o passado, de ligar os tempos. (SISTO, 2012, p.272).

Nas duas definições feitas por Isaac Bernat e por Celso Sisto, percebo a constante semelhança dos griôs com a figura do professor em nossa atualidade. O mestre que é mediador, que conduz as palavras, que intermedeia conflitos e repassa seus saberes.

Flávio Desgranges em sua obra “Quando teatro e educação ocupam o mesmo lugar no espaço” faz uma reflexão sobre a forma pedagógica que Xerazade contava histórias para o rei Xeriar.

Ouvir a contação das histórias constituiu-se, nesse sentido, uma vigorosa experiência pedagógica para o rei, que, à medida que ia compreendendo as tramas, reportava-se à própria existência; ao passado que interpretava as histórias narradas, revia criticamente aspectos de sua vida, tomando consciência da própria história, estando, assim, em condições de transformá-la. (DESGRANGES, 2004, p. 09).

Flávio Desgranges ao fazer uma leitura particular do conto árabe, percebeu que o rei Xeriar, ao ouvir as narrativas, obteve uma melhor compreensão de suas próprias experiências, formando o seu pensamento crítico. Ao ler essa citação fiz uma relação entre o ato do professor de contar histórias, e a força que sua prática pode ter no intelecto de seus educandos.

A valorização das experiências construídas pelos educandos, em sua trajetória de vida, pode ser um meio de construção do saber. Como nos fala BONDÍA (2002): “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (BONDÍA, 2002, p. 21). Valorizar suas memórias e com elas produzir novas histórias a partir de seus relatos facilitará o percurso do ensino e da aprendizagem. Assim, um professor que ao narrar suas histórias e potencializar os relatos de seus alunos, realiza a junção entre a docência e a contação de histórias.

É experiência aquilo que “nos passa”, ou nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (...). Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. (BONDÍA, 2002, p. 26-27).

Eu não tinha experiência com a contação de história. Resolvi inserir a contação em meus planos de aula. Nesse processo de elaboração do plano, me deparei com alguns questionamentos: Como contar uma história de maneira atrativa? Será que tenho esse dom dos contadores de histórias?

Em minha perspectiva, eu pensava erroneamente que não existiam técnicas de contação, aos poucos e a cada leitura, uma nova descoberta surgia. Era como se cada autor (a) pesquisado (a) tivesse uma resposta para cada questionamento.

Regina Machado em sua obra “Acordais - Fundamentos Teórico-Poéticos da Arte de Contar Histórias” (2004) diz que o dom de contar histórias é, na verdade, um exercício constante, um aprimoramento contínuo de possibilidades internas de ver o mundo de outras formas:

É importante pensar o dom dessa maneira, para que seja possível evitar o desencorajamento presente na fala de muitos professores, quando dizem: “Não sei contar histórias. Sou uma pessoa tímida, não tenho esse dom” [...] Como se dom fosse uma característica pronta, concedida, sem trabalho, sem aprendizagem. Os contadores de histórias tradicionais nunca fizeram cursos, mas com certeza aprenderam intuitivamente sua arte, exercitando sua habilidade andando na rua, conversando com as pessoas. (MACHADO, 2004, p. 73).

Ao ler essa citação compreendi que precisava de mais conhecimentos para ser um bom contador de histórias, que não era uma questão de dom, e sim, de treinamento contínuo. E para isso segui em busca de mais conhecimento na área, lendo e conhecendo mais histórias.

O primeiro passo para que eu pudesse ser um bom contador de histórias foi compreender a necessidade de gostar do conteúdo que iria mediar em sala de aula. Entendi que isso ajudaria muito na desenvoltura, porém, caso não houvesse afinidade com o conteúdo a ser regido, existem técnicas na contação de história que ajudam nesse processo de ensino e aprendizagem. Celso Sisto diz que:

Quem conta tem que estar disposto a criar uma cumplicidade entre história e ouvinte, oferecendo espaços para o ouvinte se envolver e recriar. Esses espaços de locomoção do ouvinte dentro de uma história podem ser construídos pelas pausas, silêncios, ações, gestos e expressões, de forma harmônica. O contador de história não pode ser nunca um repetidor mecânico do texto que escolheu contar. Como garantia de uma narração viva estão elementos como originalidade, surpresa, conflitos instigantes, questionamentos nas entrelinhas, agilidade da contação e expressividade. (SISTO, 2015, p.25)

Precisava compreender que era necessária uma boa utilização de todo o corpo (expressões corporais e faciais, a voz), como também, da história a ser contada. As junções desses fatores colaborariam para uma boa contação de histórias.

O corpo tem grande importância no processo de contação de histórias e no processo das aulas de teatro. A expressão corporal e facial é importante, pois acentua a troca dos personagens e das atitudes diversas do contador. Na tradição oral, é comum ver um contador

sentado, assim como os griots e os mestres quando contavam suas histórias ao redor de uma fogueira, por exemplo.

Manter-se ereto em uma contação não é regra, mas, ao contar uma história, o contador é invocado a utilizar todo seu corpo como ferramenta, possibilitando o estímulo e a assimilação dos vários sentidos (visual, auditivo, olfativo e tátil). Para Celso Sisto o corpo tem papel fundamental na transposição escrita para a narração oral.

O trabalho corporal de um contador de histórias, tem uma infinidade de caminhos a seguir, seja no processo de preparação da história, seja no próprio ato de contar diante do público. Em geral, o contador se utiliza de gestos, movimentos e expressões faciais que podem estar numa relação de interdependência ou independência. Eles não precisam acompanhar, necessariamente, o que está sendo dito. Podem servir para concretizar uma imagem ou apenas para chamar a atenção para outras ordens, como grandeza, intensidade, etc. Contudo, a postura corporal do contador também é responsável pelo estabelecimento do clima da história, questionamentos nas entrelinhas, agilidade da contação e expressividade. (SISTO, 2015, p.102).

De certa forma, podemos entender que da mesma forma que um livro de histórias tem suas ilustrações e gravuras, o corpo é a ilustração e gravuras de um contador de histórias.

A voz é um recurso de grande destaque nas contações de história. O contador precisa ter a consciência de que a sua voz é importante, pois é ela que possibilita ao ouvinte criar sua própria história, visualizar as imagens. A voz do contador tem que estar dotada de intenções, cheia de significados do que se quer comunicar ao outro.

Celso Sisto indica alguns pontos importantes para uma boa utilização da voz em uma contação. Devemos atentar para o ritmo da fala. Projetar a voz; pronunciar as palavras com toda clareza possível; tornar expressivo o que se diz; descobrir a musicalidade das frases; postar-se de forma correta; treinar e ampliar habilidades vocais e ficar atento às sonoridades do mundo que o cerca são pontos relevantes para uma boa contação.

O contador de histórias, para ter uma boa qualidade vocal, deve lembra-se destas palavras: Ouvir; Perceber o Silêncio; Agilidade verbal; Dicção e Emoção. Essas são as palavras básicas do contador de histórias em seu trabalho de preparação vocal. Em última análise, a função maior da voz é oferecer estímulos para levar o ouvinte a ver (também com a imaginação) e sentir o que está sendo narrado. (SISTO, 2015, p.111).

Depois de entender a utilização do corpo e da voz, precisava compreender como é importante a identificação do contador com a história a ser narrada. Antes de sensibilizar o ouvinte, a narrativa precisa primeiramente sensibilizar o narrador, uma vez que sua maneira particular de enxergar o conto ajudará na maneira particular com que o ouvinte irá vê-la, já

que o envolvimento afetivo com a história permite ao narrador uma maior flexibilidade e maior, ou melhor, domínio ao conduzir a narrativa, permitindo que as expectativas sejam atendidas.

São essas identificações entre narrador e conto narrado que fazem a diferença; ou existe essa integração, ou a narrativa deixa de ser uma experiência compartilhada, e passa a ser um simples repasse de informação, e nesse caso a história precisaria de ser contada. (BUSATTO, 2003, p. 48).

Porém ainda acreditava que faltava algo para ser um bom contador. Algo que já havia observado em outros contadores. Revisitando minhas memórias, percebi que a primeira vez que ouvi uma contação de história foi através de minha mãe. Por ser filho único, minha mãe havia um enorme receio de que eu saísse para brincar na rua e acontecesse algo. Lembro-me que próximo a minha casa havia um senhor que coletava materiais para reciclagem, andava sempre com uma sacola enorme nas costas, minha mãe dizia:

- Olha só Miguel, está vendo aquele saco? Pois o senhorzinho coloca filhos desobedientes ali dentro. Eu não sei se essa história é verdade, mas, todo mundo aqui em Mangabeira diz isso. É melhor tu ir assistir televisão, montar seus brinquedos, do que ficar correndo em meio de rua.

Certo dia, ao sair escondido para brincar, eu encontrei com o senhor o qual minha mãe havia falado. Naquele instante, vi minha tão pequena vida passar como filme em frente aos meus olhos. Parei, dei um enorme grito e corri. Minha mãe saiu de casa para ver o que havia acontecido e lá estava eu todo vermelho de tanto gritar. O coitado do Senhor, não entendeu nada. Bem, ela afirma até hoje que morria de dó do Senhor, porém fazia isso com medo de me perder. Vai entender esse amor de “Mainha”.

A forma a qual minha mãe narrava as histórias que contava, fazia dela uma boa narradora. Todas as vezes que recordo de minha mãe contando histórias, vem à cabeça a postura que adquiria: a voz que mudava; as caras e bocas que ela fazia. Ou seja, “Mainha” tem o que Regina Machado denomina como presença. Machado acredita que a Presença de um contador é feita de Intenção, Ritmo e Técnica.

Um bom contador de histórias, guiado pela ação interligada desses três fatores, exercita habilidades pessoais - recursos internos -, combinados com o amplo repertório de informações disponíveis - recursos externos -, enquanto vai polindo e conquistando, ao longo da vida, a qualidade da presença. (MACHADO, 2004, p-68).

Segundo Regina Machado (2004, p.74) “A intenção é o que move e dá sentido à experiência de contar. O ritmo é o que dá vida e verdade pessoal a essa experiência. A técnica

é o domínio da intenção e do ritmo, combinado com os recursos externos e internos”. Por isso os dois recursos que devemos considerar importantes ao contar histórias são os internos e externos. Os recursos externos são aqueles que irão contribuir para o processo de preparação geral, a procura por repertório, análise do público ouvinte entre outros, porém a maneira que a autora aborda os recursos internos me chamou bastante atenção. Os recursos internos são aqueles que ressaltamos durante um processo de contação.

A disposição interna para se deixar levar pela respiração da história é uma aprendizagem que se faz pelo exercício de habilidades: de observação - de pessoas, fatos, fenômenos da natureza, ou seja, percepção da expressão das coisas, o que dizer, “ver” e “conceber” com a imaginação, com a intuição. Para isso são necessários: curiosidade, senso de humor, capacidade de brincar, correr riscos. Contatos com imagens internas significativas. (MACHADO, 2004, p-72).

A Prof^a. Dr^a Candice Nogueira em seu artigo “O contador-narrador de histórias: experiências coletivas e representação de mundo” (2008, p.131), define como o momento em que o texto se torna obra o instante onde o contador envolve o texto, as expressões corporais, o contexto e o público na construção do espaço ficcional, ou seja, quando contamos uma história e detalhamos o ambiente onde a narrativa irá acontecer, para que o ouvinte se sinta parte desse lugar.

Walter Benjamin acredita que a experiência de um narrador atribuída em uma narrativa, tem o poder de construir uma “atmosfera de contos de fadas”, ou seja, o ouvinte é guiado com encantamento pelo narrador. Para Benjamin o narrador vai colocar em uso toda uma experiência pessoal na história contada. A marca do narrador é impressa na narrativa que se adapta a distintos momentos e é recriada para atender às características de cada obra narrada.

Benjamin em sua obra, *O Narrador* (1936), ao se referir ao papel do narrador, diz que ele não diz respeito apenas àquelas pessoas que teriam a habilidade de transformar os fatos e a imaginação em um texto ficcional, mas todas as pessoas que seriam capazes de narrar sua história e suas experiências, de forma geral.

“Mainha” sempre buscava suas experiências vividas para criar suas histórias. Utilizava a voz, o corpo, criava um ambiente ficcional para suas contações. Pense em uma mulher arretada².

² Expressão verbal da região nordeste do Brasil, que significa algo ou alguém belo, grandioso, vitorioso, forte.

“Mainha” mesmo sem saber ler e escrever, tentava, de certa forma, ajudar-me nas atividades da escola. Lembro-me que, em certo dia, com meus oito anos de vida, cheguei em casa com uma atividade passada pela professora do 2º ano do fundamental I que pedia a ajuda dos pais na elaboração de uma história com ilustrações. “Mainha” não sabia muito bem o que estava escrito, mas comecei a escrever junto com a ajuda dela. Naquele momento, eu só chorava, chorava e chorava. No meu pensamento, estava tudo errado, pois como “Mainha” iria me ajudar, se nem ela sabia o que estava escrito?

Durante minha crise de choro, ela disse:

- Meu filho, deixe de chorar, “Mainha” vai lhe ajudar.
- A senhora sabe o que é para fazer?
- Coloque aí... Era uma vez, em uma casa em Mangabeira, um menino chorão.

Nesse momento, eu chorava mais ainda, tinha a certeza que iria ficar tudo errado. Ela parou de lavar a louça, sentou do meu lado e continuou a contar.

- Todo dia quando chegava da escola, tomava banho, almoçava e ia fazer sua lição. Menino muito estudioso, quando crescesse ia ser bombeiro. (Eu dizia a Mainha que iria ser bombeiro quando tivesse maior).
- Porém, esse menino quando não sabia fazer as coisas, se acabava de chorar. Chorava por tudo, isso era o que ele fazia de melhor, era o maior chorão do mundo. Chorava de dia e de noite. No final se calava, tudo dava certo. Fim.
- Escreveu? Escreva essa história que lhe contei viu, do mesmo jeitinho.
- Mainha, eu desenho o que?
- Oxe, um menino chorando bem muito.
- Mainha, esse menino tem nome, não é?
- Coloque aí, o nome dele é Miguel!

Walter Benjamin tem razão, temos muitos narradores espalhados pelo meio do mundo. Uns com total domínio de técnica e estudos e outros que simplesmente narraram suas experiências. A Prof.^a Candice Nogueira ao concordar com Benjamin, apresenta a seguinte definição para esses narradores populares, que aprenderam ser contadores através da tradição oral.

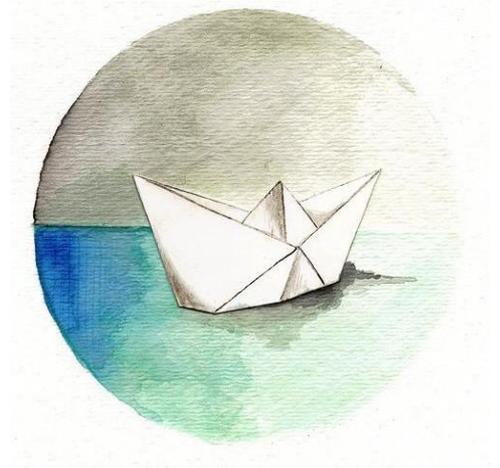
Assim, o narrador oral pode ser comparado a um viajante, aquele que conta suas aventuras pelo mundo, ou a um homem que se refere a um espaço de criação. Este último, mesmo em seu sedentarismo, tem como experiência a ser contada aquela vivida pela coletividade. Narra, portanto, a tradição de um grupo, os seus valores e preceitos sociais. Essa narrativa assume, desse modo, o caráter de representação da sabedoria de todos, através da “fala” de alguém que torna-se representante deste mesmo grupo. (NOGUEIRRA, 2008 -p.131).

Desta forma, Candice Nogueira faz uma citação em seu artigo, sobre o momento que o narrador passa ser também contador. Para ela, contar histórias está ligado ao momento de concretização da narrativa.

Ser contador é poder dar forma a uma narrativa que, muitas vezes, já existia dentro de um ideário comum de um grupo, mas que para ser contada é necessário um processo de adaptação de contexto, assim como alguém competente que assume o papel de representante. (NOGUEIRA, 2008, p.131).

Walter Benjamin, em “O Narrador” (1936), acredita que a prática de ouvir e contar histórias em volta de uma fogueira, em meios às festas familiares, extinguiu-se com o avanço da modernidade. Tive o privilégio de ser criado em meio a tantas histórias. Como podemos ver durante esse capítulo, assim como os griots, os mestres populares, “Mainha” não possuía conhecimento algum de técnicas para uma contação de história, suas experiências eram a base para criação do espaço ficcional, assim, em meio de uma breve pausa de seus afazeres domésticos, usava suas modificações vocais, expressões faciais e corporais e, logo, suas lembranças se transformavam em uma bela história. Gratidão “Mainha”, por tanto aprendizado e por me ensinar como é bom ouvir e contar histórias.

E continuamos a navegação. Agora, navegaremos pelas minhas experiências na Escola M.E.F. Antônio Santos Coelho Neto, momentos de muitas histórias, aprendizados e lembranças trocadas e contadas envoltas em barquinhos para serem espalhadas por esse grande mar.



O Barco

Era uma vez um lindo barco de lava
no meio do mar e estava dando uma festa
ele estava na Nossa S^o da Penha nessa festa
tinha todo o seu festa que chamava
de Nossa S^o da Penha.



É nessa festa tinha toda bem mais tinha
uma pessoa que caiu do barco naire
bata uma pessoa levantar esse malheur. Era

Nossa S^o da Penha **FIM.**

Figura 4 - Ilustração produzida por Eduarda, aluna do 4º ano. Em sua obra O Barco, relata as festividades religiosas da comunidade, e o salvamento de uma mulher por Nossa Senhora da Penha.

CAPÍTULO 3

EXPERIÊNCIAS GUIADAS POR FATOS CONTADOS

Nesse capítulo, farei uma breve explanação sobre o teatro na educação básica e a forma como preparei minhas aulas tomando como referência a Base Nacional Curricular Comum (BNCC). A experiência de estágio no programa Residência Pedagógica, também está sendo abordada como uma maneira de compartilhar as aulas aplicadas na escola da Penha. Durante esse período, foi possível analisar o contexto escolar onde os alunos estão inseridos, observar novas formas didáticas do ensino da arte/teatro e experimentar aplicações de aulas a partir da contação de histórias, evidenciando a comunidade da Penha.

1.3 3.1 A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA ESCOLA DA PENHA

O Programa Residência Pedagógica, realizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foi desenvolvido em parceria com as instituições de ensino superior é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores. Tem por objetivo facilitar o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica a partir da segunda metade de seu curso.

Faz-se importante aqui contextualizar a importância da existência de uma área específica da arte na escola, e nesse caso, o teatro. A contação de história está imbricada nesse contexto educacional na área do teatro e, portanto, os conhecimentos adquiridos ao longo do curso da graduação potencializam a atividade da contação para que estudantes do ensino formal estejam aprendendo princípios existentes na área do teatro. Segue brevemente algumas considerações sobre esse contexto e mais adiante uma descrição e análise da experiência em ambiente escolar.

3.1.1 A importância do teatro na educação básica.

O teatro como uma das linguagens artísticas tem mostrado relevante importância como possível meio de comunicação e de expressão desde os tempos primórdios, isso porque ele proporciona um espaço de liberdade, no qual podemos trocar experiências, conhecimentos e dialogar criticamente uns com os outros. Pode haver, também, produção coletiva através da colaboração, cooperação, solidariedade e criatividade de cada um. Segundo Koudela (2006, p. 78) “[...] o teatro, enquanto proposta de educação, trabalha com o potencial que todas as pessoas possuem, transformando esse recurso natural em um processo consciente”.

Com o passar do tempo, a aproximação entre escolas e grupos teatrais e o crescimento dos cursos de graduação em Artes Cênicas pelo país contribuíram para o aumento e a valorização do teatro em sala de aula. Afirmando o ensino do Teatro, enquanto direito na formação dos estudantes, favorecendo o exercício da imaginação, a ampliação da capacidade de pensar, de se expressar, de criar, de se comunicar, de ler e ver o mundo contribui para seu amplo desenvolvimento cognitivo, emocional e psicomotor ao longo de seu percurso escolar.

Porém as dificuldades encontradas pelos professores para regerem suas aulas sempre foram muitas com: a falta de espaço físico apropriado nas escolas; ausência do auxílio da direção das escolas; preconceito por parte dos outros professores das escolas com relação ao campo do teatro; e o fato de alguns alunos se mostrarem resistentes durante as aulas.

Percebo assim que tudo isso dificulta a fluência do processo do ensino do teatro e concomitante a dificuldade da formação cultural pelo teatro, tornando-se um desafio à prática docente. Nesse sentido, o professor precisa encontrar estratégias e habilidades que o ajude a superar as dificuldades encontradas na escola. Em busca dessas estratégias, conheci a contação de histórias que transformou minha vivência na docência.

3.2 PENSAR, PLANEJAR E EXECUTAR

O ensino do teatro vai muito além de aprender a representar histórias. Ao contar as histórias oralmente, os alunos são estimulados a desenvolverem a imaginação, a criatividade e a interpretação. Esse processo acontece tanto para o ouvinte, quanto para quem reconta a história de acordo com seu entendimento e interpretação.

Precisava pensar e planejar as aulas para executá-las. Para isso usei a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como eixo de minha proposta pedagógica. Uma vez que a BNCC para a Educação Básica é concebida a partir daquilo que é direito de todos: aprender é dever do Estado garantir.

A principal função da Base Nacional Comum Curricular é normatizar aquilo que deve ser aprendido, assegurando aos (às) estudantes, o direito de aprender na idade certa e de adquirir e desenvolver habilidades e competências para a vida, nos componentes nela pactuados. Nesse sentido, ela é um instrumento normativo, mas que, como prevê em seu próprio texto, e em todos os demais aspectos, assume-se enquanto referencial na construção dos currículos. Assim, ao adotar o uso do termo Unidades Temáticas em vez de Áreas, ou Linguagens, como configura na LDB, apenas sugere uma forma, cabendo aos referenciais curriculares de cada estado, o adotarem ou não. (BNCC, 2018. p.09).

A Proposta Curricular do Estado da Paraíba, é um documento derivado da BNCC, no entanto, visa complementar as especificidades regionais do estado. Afirma que o ensino do teatro deve estar presente em todas as fases da educação básica, pois possibilita o desenvolvimento estético, criativo, relacional a partir dos jogos e do aprendizado, construído pelas práticas e vivências próprias das linguagens teatrais.

O Ensino de Teatro nos anos iniciais do Ensino Fundamental se relaciona com aspectos importantes e próprios da infância, como a simbolização, a imitação e os jogos. Essas práticas devem ser oportunizadas conscientemente com cunho pedagógico e devem gerar aprendizado de maneira criativa e atrativa, reconhecendo o percurso histórico do teatro e de seus artistas, sejam locais, regionais ou globais, e a importância de espaços como os teatros e anfiteatros, bem como outros espaços de vivência com o teatro. (Proposta Curricular do Estado da Paraíba, 2019. p.169).

As turmas, nas quais fiz as regências de minhas aulas, foram as do 4º e 6º do ensino fundamental. Para as turmas do fundamental I, anos finais do 1º ciclo (4º e 5º ano), a proposta curricular solicita que as atividades teatrais tenham o enfoque na dimensão relacional, seguido pelo trabalho com a expressão e a estesia, que deve diminuir um pouco, dando abertura para o crescimento da fruição (Proposta Curricular do Estado da Paraíba, 2019. p.161). Ou seja, que a coletividade, os exercícios em grupo tenham mais evidência. E os padrões estéticos sejam trabalhados, porém, em menor intensidade. Para a proposta curricular do estado da Paraíba, os direitos de aprendizagem para o ensino de Teatro, devem ter as seguintes etapas:

1- Conhecer e participar de jogos, explorando o corpo e a voz, sendo capaz de vivenciar o “faz de conta” e sua ludicidade e compreendendo as diferenças entre a realidade objetiva e o fazer teatral, o encenar; 2- Experimentar/explorar os aspectos da cena e seus elementos básicos, a partir da ludicidade, percebendo a prática do teatro como manifestação coletiva e relacional; 3- Estar em contato com o percurso histórico do Teatro, seus(suas) artistas e produções, assim como em espaços de arte

informais ou formais, como teatros e anfiteatros; 4- Conhecer, participar e analisar as produções culturais locais, percebendo sua teatralidade. (Proposta Curricular do Estado da Paraíba, 2019.pág.173).

Para elaborar meus planos de aula, utilizei as habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Proposta Curricular do estado da Paraíba, referente ao 4º ano (BNCC, 2018 p. 202 e 203).

O projeto foi desenvolvido em três fases. Na primeira fase, realizamos um mapeamento dos recursos humanos, da estrutura física da escola e do contexto sócio-cultural e econômico onde se inserem. Essa fase permitiu o reconhecimento do espaço e das possibilidades de trabalho a ser realizado. Na segunda fase, realizamos as observações das aulas do professor-preceptor, ou seja, o professor de artes da escola, buscando compreender as metodologias utilizadas em sala de aula. Na terceira e última fase, a regência de 100 horas aula (além de outras atividades relativas ao programa).

Nas aulas, foram realizadas contações de histórias, criação de narrativas pelos alunos, recontagem, confecção de elementos cênicos relacionados às histórias e outras. Todo processo foi sob a supervisão e orientação do professor-preceptor Maurício Barbosa e a orientação da Professora Márcia Chiamulera.

Foram muitas surpresas, dificuldades e conhecimentos e descobertas. Irei descrever todo esse percurso, que foi muito significativo em meu processo de formação na docência, dentro da residência pedagógica.

3.3 AMOR À PRIMEIRA VISTA

O processo de observação teve início com a visita a Escola da Penha. A E.M.E.I.F Antônio Santos Coelho Neto. A escola foi fundada no ano de 1963 e denominada, inicialmente, como Grupo Escolar Comendador Antônio Santos Coelho Neto, ora construída em um terreno doado pelo Sr. Paulo dos Santos Coelho, localizado à beira-mar da Praia da Penha, município de João Pessoa – PB. Em 27 de novembro de 1979. Foi transferida para a Praça Oswaldo Pessoa – s/n, na mesma localidade, para um terreno vendido pelo Dr. Otacílio Silva da Silveira à Prefeitura Municipal de João Pessoa. A escola foi inaugurada na administração do prefeito Damásio Barbosa de Franca.

A escola possui uma ótima estrutura composta com vinte duas salas divididas entre laboratórios (informática, robótica e ciências), sala de orientação educacional, sala das artes (música, artes visuais, teatro e dança), biblioteca, sala de multimídia entre outras. O quadro de funcionários é composto por oitenta e três funcionários (54 professores e 29 apoios). A diretora Rosilene do Bom Parto atua na escola há 39 anos, desde sua mudança da beira da praia para o centro da comunidade da Penha.

Na etapa inicial do projeto Residência Pedagógica, além das reuniões com o Orientador e com o Professor Preceptor, tivemos como recurso metodológico um questionário qualitativo que aplicamos durante a visita. Tal instrumento era composto por um conjunto de perguntas sobre a instituição que variaram desde a sua infraestrutura até a sua organização quanto ao quadro de funcionários.

A aplicação do formulário de visita permitiu a realização de um mapeamento dos recursos humanos e da estrutura física da escola. As perguntas apresentadas nesse documento, além de quantificar salas e pessoal, permitiu aguçar a percepção para o espaço escolar a ser explorado. Essa ação visou avaliar o que é possível e viável em termos de aula de Teatro no espaço formal de ensino, fornecendo informações sobre o local a serem restituídas no planejamento das atividades a serem desenvolvidas.

Acreditamos que o mapeamento geral da escola, como primeira ferramenta de investigação, permitiu orientar a atenção de nós residentes para os detalhes importantes e impressões pessoais acerca da comunidade escolar.

A escola, em sua fachada de entrada, à primeira vista, aparenta ser um ambiente pequeno, mas ao entrarmos e conhecermos a parte interna, nós percebemos que é um “mundo” o qual respira Arte, não só nos espaços reservados para tal, mas também, em seu pátio, refeitório, corredores, etc. Na entrada, há uma exposição fotográfica que conta um pouco da história da comunidade na qual está inserida, bem como, os trabalhos realizados por profissionais e educandos da escola.

É notável um grande vínculo entre a escola e a comunidade, pois a ela se localiza numa localidade pesqueira. Outro aspecto bastante presente é a influência religiosa, com base no catolicismo.

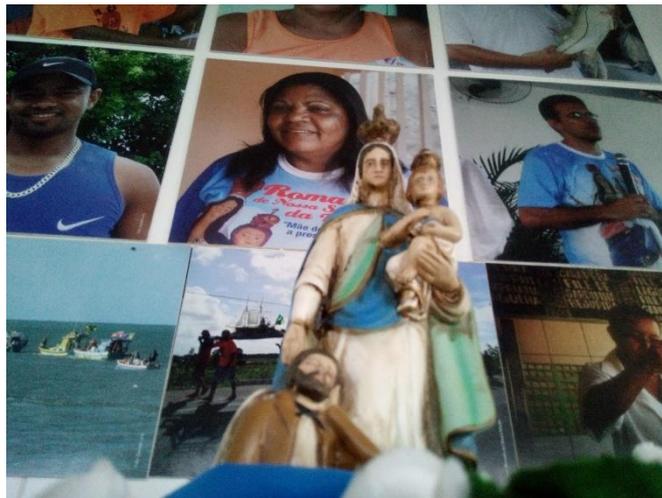


Figura 5 - Registo fotográfico durante o processo de visitação da escola campo. Na foto, encontrasse a imagem de Nossa Senhora da Penha, e algumas fotografias de moradores locais. Foto: Tarcísio Pego

Quanto à estrutura física, percebemos que a escola possui sala de vídeo; laboratórios de Português, Ciências, Artes e Informática. Com relação ao laboratório de Artes, os educandos realizam atividades em Teatro, Dança e trabalhos manuais. Também identifiquei a presença de uma biblioteca, com bom acervo literário; sala de apoio à banda marcial; e sala de educação física. A Escola da Penha representa uma instituição importante na história da comunidade.

3.4 OBSERVANDO E COMPREENDENDO

Em 19 de novembro de 2018, começamos a segunda fase, a observação das aulas do preceptor Maurício. Antes de observar sua aula, ele deu a oportunidade de conhecermos o Projeto Político Pedagógico da E.M.E.I.F Antônio Santos Coelho Neto que foi elaborado no ano de 2016. No seu PPP (2016, p.7) podemos verificar como objetivo principal da escola:

Atender às necessidades educacionais dos nossos alunos, garantindo a formação de cidadãos éticos e participativos na construção da sociedade e do conhecimento e sermos uma escola que investe na qualidade do ensino, em uma aprendizagem significativa e na formação para o pleno exercício da cidadania. (PPP, 2016, p.7).

Um fato que chamou minha atenção foi que, apesar da escola estar inserida no meio urbano, ela possui muitas características de uma escola de educação rural, acredito que deve ser por conta dos meios de captação de recursos das famílias que residem na comunidade, pois em sua maioria vivem da pesca ou da agricultura. Perceber essa característica fez com que eu começasse a pensar em futuros projetos para 2019 dentro da residência pedagógica, buscando um olhar mais específico para essa área da valorização da comunidade.

Durante o processo de observação das aulas, teve um evento específico que despertou ainda mais meu carinho pela comunidade, pois todo corpo docente e discente se mobilizou para preparar o ambiente. Era a realização da culminância do Projeto Educação para as Relações Étnico-Raciais. Em novembro de 2018 foi realizada a IV edição do Movimento Artístico para a Consciência Negra da Escola da Penha.

Ao chegar, percebi todos envolvidos na melhoria do ambiente da escola para recepção melhor do público da comunidade e de outras escolas que iriam prestigiar o evento. Para ornamentação geral da escola, foi produzido com um grande tecido em vários tons de azuis, fazendo uma alusão ao mar da penha, várias redes de pescadores foram utilizadas para a confecção de instalações com quadro abordando a história da escola, materiais produzidos pelos anos durante o projeto, tudo ficando bem característico com a influência da comunidade. Foi aí que eu percebi e observei a coordenação de meu preceptor Maurício Barbosa, um fato de grande relevância é o respeito e carinho que os alunos têm para com ele.

E o que chamou muito a minha atenção foi sua postura como Professor- Performer³, nos momentos de explicação e mediação de conteúdo, fez uso de várias experiências performativas, para que a turma tivesse uma maior compreensão do assunto. Os alunos faziam releituras de obras inseridas no livro didático, usando recursos do dia a dia, como travesseiros, os próprios materiais escolares. Logo, percebi que essa relação entre o teórico e prática mostrava bons resultados.

Nessa perspectiva, é possível reconhecer a singularidade dos professores de teatro e a possibilidade deles colocarem o seu corpo a serviço do trabalho, seja ele docente ou artístico, quando fala de forma audível e comunica-se de maneira performática sem que isto pareça falso ou artificial, mas ao contrário, pareça natural e verdadeiro.

³ “A definição do termo professor-performer é a de que se trata de um professor que também é performer. Professor-performer é uma teoria da retroalimentação submetida a outra paisagem, pela mestiçagem” (CIOTTI, 1999.)

Começou o ano letivo de 2019 e o processo de observação continuava. Novos alunos, novas turmas. Foi então que presenciei a primeira aula do preceptor Maurício na turma do 6º A e B, a metodologia usada foi uma aula expositiva dialogada. Ele explicou todo o cronograma da aula e explicou o que era um plano anual. De forma dinâmica abordou a identidade que é o tema gerador do livro didático do 6º ano. Todo o livro foi apresentado às turmas para que os estudantes ficassem sabendo tudo que estudariam no decorrer do ano letivo. A aula encerrou com o professor solicitando aos alunos que, na próxima aula, trouxessem um travesseiro para fazerem uma atividade performativa.

Depois de um bom dia bem caloroso, o professor fez uma pergunta que me surpreendeu muito, “o que vocês querem estudar esse ano? ”, os alunos de imediato foram dando várias sugestões, e o teatro foi o assunto mais comentado. O professor pediu para que três alunos fossem a sala de artes e pegassem os livros didáticos de várias editoras que lá estavam guardados. Separou as turmas em grupos e entregou livros diferentes a cada grupo. Pediu que eles escolhessem os temas que mais lhe chamassem atenção e assim os alunos fizeram. Depois de algum tempo, o professor pediu para que cada grupo apresentasse suas escolhas e a partir delas foi traçado um plano anual para ser estudado.

Tudo que eu estava observando, seria usado como referência para minha regência. Naquele momento, o fato que me tranquilizava era a disponibilidade dos alunos para participar das aulas de artes. A recepção dos alunos no momento que o professor entrou na sala de aula era sempre muito boa. Isso causava um estímulo para que as ideias de contação de histórias fossem colocadas em prática. Concluímos a segunda fase da Residência Pedagógica.

3.5 CONTANDO, RECONTANDO E TEATRALIZANDO

Depois da paixão à primeira vista na fase de mapeamento da escola da Penha, observei e busquei compreender cada metodologia que o professor-preceptor aplicava. Assim, analisei mais um pouco a BNCC, em das habilidades e competências seriam mais viáveis para o processo das regências.

Bem, agora chegou a hora de exercitar a docência, momento esse de muitas descobertas, narrativas e muita Penha.

3.5.1 Meu primeiro contato com a regência- “experiências piloto” com o 6º ano A.

Abril de 2019, Escola da Penha, as 9h03min, uma manhã muito ensolarada começa a terceira fase do Residência Pedagógica. Chegou o momento de minha primeira regência, até então com as turmas do 6º ano A e B. Crianças com a faixa etária entre 11 e 13 anos. A agitação era predominante dentro da sala. Quem era aquele homem que estava junto com o professor Maurício? O que ele veio fazer aqui? Tenho certeza que esses questionamentos se faziam presentes na mente de cada um dos alunos diante da minha presença. Fui apresentado:

- Gente, esse é Miguel, vocês já viram ele me acompanhando em algumas aulas. Miguel está estudando para ser professor de teatro, e vai passar algum tempo com a gente, ou seja, iremos aprender muitas coisas juntos. Falou o professor-preceptor Maurício.

A apresentação estava feita, coloquei-me, enquanto professor, e começamos o processo de apresentação. Todos disseram seu nome e sua idade, em seguida resolvi perguntar quem residia no bairro da Penha e, para minha surpresa, apenas duas meninas disseram que moravam na colônia de pescadores. Fiquei sem entender nada e ao questionar mais uma vez as respostas foram:

- Moro em Cabo Branco.
- Eu, professor? Moro em Mangabeira.
- Minha casa fica no Seixas.

Resolvi seguir minha aula, havia preparado uma contação de história sobre o surgimento da cidade de João Pessoa. Queria que eles compreendessem o surgimento de sua cidade, até chegar ao bairro.

A contação foi feita, fazendo um breve panorama desde o seu surgimento em 1585 até os dias atuais. Pedi para que eles ilustrassem de forma livre a história que eles tinham acabado de ouvir. Ao concluir perguntei a turma. Qual seria o elemento que acompanhou toda a trajetória e que se faz presente até hoje na Penha? A resposta foi unânime, o barco. A partir daquele momento fizemos um acordo. Ao final de toda aula, nosso material produzido iria se transformar em barquinho de papel. E assim seguimos produzindo. Para essa aula utilizei as habilidades e competências da BNCC: (EF15AR18) (EF15AR21) (EF15AR22)



Figura 6 - Alunos do 6º ano, tem o primeiro contato com a produção de histórias através da ilustração. Foto: Acervo pessoal.



Figura 7- Alunos do 6º ano exibem seus barquinhos, cheios de orgulho. Foto: Acervo pessoal

Outra manhã especial, estava eu na escola da Penha, para reger mais uma aula. Nossos encontros estavam se desenvolvendo, ainda existia um pouco de resistência em participar dos jogos e exercícios propostos. Desta vez, o objetivo da aula era de cada aluno contar uma história de sua escolha, podia ser fábula, clássicos da literatura infantil, histórias contadas pelos familiares, uma lembrança marcante de sua vida, ou narrativas inventadas naquele momento. Dessa forma cada um seria o ouvinte da história do outro, fortalecendo o exercício da escuta. E depois tentamos colocar essas histórias nos movimentos corporais.

Iniciamos fazendo nosso aquecimento corporal, trabalhando o acordar do corpo de maneira simples por exemplo: pulando, caminhando e brincando de pega-pega. Juntos cantávamos uma música que nos dava alguns comandos, “andou, andou, andou. E bateu palmas, tocou no chão e deu pulo, e deu um grito”. Nesse momento toda turma era contagiada pelo aquecimento, até que em determinado momento, em voz alta, dava o comando de estátua, iríamos fazer o jogo da escultura corporal, jogo esse, que tem como finalidade trabalhar o contato com o outro, buscando estimular a criatividade e a relação em coletivo.

- Hoje faremos o seguinte, cada um deve pensar em uma história, ou momento de sua vida que queira transformar em narrativa. Vamos tentar de forma corporal dar vida a essa história, esse fato de sua vida. Para nos auxiliar, usaremos o corpo de nosso colega, vamos esculpir nossa narrativa, depois contamos para toda turma.

Uns fizeram estátuas dançando, posando para fotos, momento de violência na comunidade que residem, foi uma verdadeira exposição de esculturas. Cada um contou sua história e ilustraram tudo em folha de papel que viraria mais um barquinho de papel. Para essa aula utilizei as habilidades e competências da BNCC: (EF15AR18) (EF15AR19) (EF15AR21)





Figura 8 - Aula na turma do 6º ano, os alunos fazem demonstração de várias formas de narrativa: corporal, ilustrativa e oral. Fotografia: Acervo pessoal.

O tempo passou e estávamos no mês de junho de 2019, a escola finalizava o primeiro semestre. Como característica desse período temos as festividades juninas. Por sinal, Jackson do Pandeiro era o homenageado desse ano. Ao chegar em sala, o professor-preceptor Maurício Barbosa estava fazendo um exercício de escutar música. Os alunos ouviam as músicas de Jackson do Pandeiro, em seguida descreviam elementos que chamaram sua atenção no processo de escuta.

Enfim, havia chegado o meu momento de ministrar a aula, pois, a turma tinha duas aulas de arte, no mesmo dia. Professor Maurício ministrava a primeira aula, e em seguida era minha vez. Reuni todos em um círculo, e perguntei se eles sabiam qual era a dança típica da Penha?

- É o funk professor, disse um aluno.

-Não, é o passinho do brega-funk, com riso no rosto responde o outro.

Foi então que mostrei a ciranda de roda, dança típica da Penha. Eles já sabiam do que se tratava uma ciranda, pois Josinaldo de Faria (Naldinho), residente de dança, havia mostrado as características da ciranda do litoral sul, onde estava inserida a praia da Penha.

Afastamos as carteiras, juntamos nossas mãos e de princípio cantamos uma cantiga de roda. Aos poucos, os movimentos corporais foram surgindo com sentido da ciranda. A música mudou e mais uma história através de nosso imaginário surgiu. Para que a história

tomasse vida, detalhei o local da nossa narrativa através de comandos. A cada frase, uma pausa criando um elemento surpresa para que os alunos fossem imaginando aquele lugar.

-Na beira da praia, em noite de luar estávamos a dançar, o ritmo era posto ao som das ondas do mar.

Descrevi cada pessoa que estava naquela praia, aguçando o imaginário de cada aluno.

- Quem bailava eram os pescadores, sob olhar de Nossa Senhora da Penha, felizes a festejar.

Mais uma vez, reafirmamos as potencialidades históricas do povo da Penha. Foi uma aula linda. Para essa aula utilizei as habilidades e competências da BNCC: (EF69AR29) (EF69AR30)



Figura 9: Alunos do 6º ano dançam ciranda e côco de roda, ritmo originado dos nossos imaginários. Fotografia: Acervo pessoal.

Especialmente essas três aulas, serviram como experiências “piloto”, foram como uma bússola que me guiou em meio a pesquisa. A cada aula encontrei possibilidades de identificar uma característica importante para mapear informações que eram necessárias para serem exploradas em minhas futuras aulas como a relação dos alunos com o lugar de sua moradia. Os elementos ao redor da escola em símbolos, como o barco, o mar e os pescadores. E o lugar do corpo como possibilidades estratégicas para trabalhar a contação de história no teatro. Todo esse conhecimento coletado, fizeram-me criar novas estratégias para direcionar a minha pesquisa com o 4º ano. Uma nova turma com outros alunos. A partir de então, prossegui com a nova turma em busca de novas lembranças em um recomeço.



3.6 EM UMA NOVA EMBARCAÇÃO

No início do segundo semestre, mais precisamente no mês de julho de 2019, por motivos pessoais, mudei o projeto para o turno da tarde, assim, ficando com a turma do 4º ano no fundamental I. A princípio seria uma nova experiência, pois nunca havia lecionado em uma turma de fundamental I. Lá estava eu, começando todo o processo novamente. Como surgiu a cidade de João Pessoa. A importância do bairro da Penha.

E mais uma vez, apenas um número pequeno de alunos afirmava residir na comunidade. Apresentei a nossa música de aquecimento, “andou, andou, andou. E bateu palmas, tocou no chão e deu pulo, e deu um grito”. Sempre ao começar minhas aulas, gosto de fazer algo para tirar os alunos das cadeiras enfileiradas, fazê-los se movimentarem. Acredito que ajuda no processo criativo. Pois, queria que eles entendessem que a contação faz parte da nossa dinâmica das aulas, e não dividir a hora de contar história da hora de estudar artes/teatro. Ambos os momentos estão unificados.

A turma estava em puro movimento, a sala ficava como uma nuvem de poeira. Os sorrisos eram muitos, a energia daquelas crianças fazia com que me empolgasse cada vez mais e mais. Os alunos eram muito mais participativos, tinham disponibilidade boa para participar dos jogos e experimentos propostos. Isso me proporcionou uma segurança para que a pesquisa se desenrolasse como havia planejado.



Figura 10 Alunos do 4º ano do fundamental I, em um primeiro contato com minhas aulas de teatro. Fotografias: Acervo pessoal.

Devido à grande quantidade de poeira existente na sala de aula, ao terminar os exercícios, os alunos estavam com o corpo todo cinzento. Certo dia, resolvi colocar hidratante na mão de cada um deles, foi quando uma aluna disse:

- Aí que coisa boa, esse cheirinho da aula.

A partir daquele dia, todas as aulas finalizaram com um pingão de hidratante diferente nas mãos. Passávamos um pelo outro e sentíamos o cheirinho da aula. O cheirinho dessa aula foi de macadâmia. Para essa aula utilizei as habilidades e competências da BNCC: (EF15AR17) (EF15AR20)

3.6.1 História de pescador

Após o processo iniciado, juntamente com os alunos mais familiarizados com a produção de narrativa pessoal, resolvemos criar juntos nossa primeira contação de histórias. A indicação foi usar a Penha como cenário de nossa narrativa.

- Termos como símbolos de nossa história os seguintes elementos, o mar, a Penha e o barco, informei a toda turma.
- Professor, podemos fazer qualquer história?
- Sim, vamos usar nossa criatividade!

Nesse momento, cursava uma disciplina obrigatória para o 7º período em Teatro, Experimentos Cênicos ministrado pela Profa. Dra. Márcia Chiamulera, a qual estava na montagem de “Igarapé”, experimento onde contava histórias da Penha. Para minha surpresa, quando os alunos começaram a criar a nossa narrativa coletiva, todos os elementos remetiam a contação que eu fazia no processo da disciplina. Surgiu um pescador, uma sereia, uma noite de lua cheia entre outros elementos.

- Jeremias era um pescador que entendia muito o mar. Certo dia, saiu para pescar e ao adentrar no mar em noite de lua cheia, encontrou uma bela sereia, que com ele queria se casar. Muito angustiado com aquela situação Jeremias fugiu e ao povo foi contar o que viveu naquele lugar. Uns acreditavam, outros diziam que era conversa de pescador. Mais só o homem sabia o que presenciou naquele lugar.

Naturalmente foi surgindo o personagem de Jeremias, da sereia, o barco, o cruzeiro da Penha, e a narrativa foi ganhando vida. Eu estava em pura felicidade, tudo estava indo como deveria, com bons resultados. Para essa aula utilizei as habilidades e competências da BNCC: (EF15AR18) (EF15AR21) (EF15AR22)



Figura 11 Alunos do 4º ano, interpretando o encontro do pescador com a sereia misteriosa. Fotografia: Acervo pessoal.



Figura 12 - Alunas do 4º ano, fazendo a representação de dois símbolos da comunidade da Penha: O cruzeiro e a imagem de Nossa Senhora da Penha. Fotografia: Acervo

3.6.2. *Contando e recontando memórias*

No decorrer das regências, sentia a necessidade que os alunos soubessem mais sobre a comunidade onde residem. Pois, sempre havia uma rejeição em falar sobre esse determinado assunto. Sempre perguntava, o que o bairro da Penha tem de melhor? A resposta sempre era a mesma, a praia! Precisava de algo que pudesse me ajudar a contar histórias sobre a Penha. Que eles pudessem sentir orgulho daquele lugar.

Foi então, que em uma das tardes, percebi um grande quadro em formato de capa de livro, colado na sala dos professores. Ao observar melhor, percebi que se tratava de uma ilustração da capa de um livro escrito pelo patrono da escola da Penha. O cronista Antônio dos Santos Coelho Neto, conhecido por assinar suas obras como Santos Tigres. A obra *Calmarias e Tempestades: memórias praieiras* (1968) é uma coletânea de crônicas com lembranças da infância vividas pelo patrono no antigo sítio Aratú, onde hoje está localizada a comunidade da Penha.

Santos Tigre nasceu no dia 16 de outubro de 1899, onde hoje é a praia da Penha. Depois da morte prematura de seu pai, ficou sob a guarda e morando com o seu avô o comendador Antônio Santos Coelho. No início do século XX, viveu sua infância em áreas ainda pouco habitadas do litoral da capital paraibana.

Durante os anos de 1960, resolveu escrever todas as suas lembranças de uma infância de muita aventura e diversão na comunidade da Penha. Em seu livro, destaca-se a seguinte citação.

Minhas narrativas, sobre pessoas, fatos e coisas da velha Praia da Penha, aguçaram a curiosidade de muita gente, quanto à identidade do modesto narrador. Não desejava emergir do anonimato a que me voltei. Apraz-me viver personificado em Santos Tigre, que criei e incorporei ao meu ser. Escrevo quase que por uma necessidade interior, sem preocupações de regras abusivas, no estilo de quem aprendeu a sorrir, e a sofrer, sem cavilosos artificios...”(TIGRE, 1968, p.27).

Tigre resolve dividir sua obra *Calmarias e Tempestades: memórias praieiras* (1968), em quatro partes: A primeira parte, intitulada de “O cenário”, onde ele descreve como era a comunidade da Penha no início do século XX. A velha aldeia; A casa dos romeiros; Ventos e mares; O sítio do cabelo; O cajueiro e o Ronco do Maceió. Esses foram nomes dado por Tigre, para uns lugares importantes na comunidade da Penha, onde hoje podemos encontrar de um jeito diferente.

Foi naquele ano de 1906 que eu dei para me encher das coisas da Penha... Era uma grande aldeia de pescadores. Pacata e feliz. Terra de homens taludos e mulheres fecundas [...] As choupanas, em sequência, vinham esbarrar nos oitões da casa grande. Sob o coqueiral verdejante, as caiçaras. Os jiraus de sardinha. Os estaleiros das redes de curral... (TIGRE, 1968, p-35).

E assim, segue a obra de Santos Tigre. A segunda, a qual ganhou o título de “Velha Gente”. Nessa segunda parte, ele relatava sobre o povo do lugar os personagens marcantes da antiga Penha. Em sua terceira parte, Tigre escreve sobre os casos que ouvia dos moradores que vivem em torno da casa grande de seus avós. E finalizando, temos a quarta parte, onde é abordado suas aventuras e caçadas pelas matas da Penha e os animais que encontravam pelo caminho.

Tomando como inspiração as memórias de Santos Tigre, resolvi planejar algumas aulas, fazendo reconto de suas histórias e valorizando justamente os locais citados no seu livro, como por exemplo a escadaria, o santuário, o cruzeiro.



3.6.3 Os pescadores de histórias

Em uma tarde de sol forte, regado pela brisa do mar, chegou o momento de coletar histórias. Chamei os alunos, junto com o preceptor Maurício, para abrimos os portões da escola e saímos em caminhada⁴. De longe avistamos seu Zé das galinhas, apelido dado pelos meninos. A turma foi logo correndo em direção do senhor e perguntando:

- Boa tarde seu Zé. O senhor mora aqui faz tempo?
- Desde que sou menino, respondeu seu Zé.
- Então faz muito tempo, disse um aluno.
- O senhor poderia nos contar uma história.

Seu Zé passou mais ou menos uns 2 minutos pensando, qual história deveria nos contar. Foi quando de repente surgiu uma pergunta.

- Ô esses meninos, vocês sabem a história de Nossa Senhora da Penha?
- Certo dia, um barco bem grande, cheio de homens do estrangeiro parou no mar da penha. Um dele resolveu descer da embarcação e chegar a terra firme, para ver o que tinha de bom no povoado. Quando foi subir a barreira apareceu uma cobra grande, a ponto de engolir o homem. Ele se ajoelhou e pediu que santa lhe ajudasse naquela agonia. Quando olhou de

⁴ Atividade realizada com a devida autorização dos responsáveis, e do corpo docente escolar.

lado um jacaré veio e engoliu a cobra. Em sinal de agradecimento olhou para cima do penhasco e viu Nossa Senhora. Ao voltar para embarcação, avisou a todos os tripulantes que tinha visto Nossa Senhora do Penhasco, é por isso que se chama Nossa Senhora da Penha.

Os meninos faziam uma expressão de quem nada estavam a entendendo, mesmo assim, ouviram tudo até o fim, pois nosso objetivo era coletar história, caso fossem verdade ou não, não sabíamos, porém, foi contada com muita certeza. Para essa aula utilizei as habilidades e competências da BNCC e da Proposta Curricular da Paraíba: (EF15AR18) (EF15AR21) (EF15AR22) (EF15AR25)



Figura 13 - Alunos do 4º em aula-campo. Coletando histórias.
Fotografia: Acervo pessoal.

Percebia que, quando contava a história do jeito que estava na obra de Santos Tigre, os alunos buscavam identificar onde hoje seria esse local. Ainda naquela tarde, contei a história de Chica Fedor, uma mulher que Tigre em suas memórias diz que ela gostava de sentir odores dos peixes mortos onde vivia. Na beira da praia. Durante a contação, os alunos se viam em meio aquele ambiente litorâneo relatado por Tigre.

Logo o meu desejo por uma interação entre as memórias de Santos Tigre, a comunidade da Penha e os alunos através dos recontos, estava acontecendo. Walter Benjamin (1994, p.205) diz que “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são conservadas”. Como cada processo de contação, deve considerar a construção de um espaço ficcional diferente. O fato desse ambiente ser verídico e ainda ser o local de morada dos alunos, provocava uma maior participação durante a narrativa.

Assim, ao narrar as memórias de Santos Tigre e buscar uma releitura dessas experiências sobre minha compreensão, pude de um modo simbólico, tornar o texto em uma construção literária, ou seja, um conto. De acordo com a Prof.^a Candice Nogueira, é nesse momento que o narrador passa a ser contador.

No fim de cada contação, voltávamos para a sala de aula, sempre pedia aos alunos criarem uma nova história, onde as lembranças deles fossem a base da narrativa. Candice Nogueira acredita que esse processo de utilização da lembrança e a construção de narrativa vão funcionar dentro do grupo como porta de entrada para socialização.

Lembrar não é reviver, mas re-fazer. Daí a lembrança aparecer nesses momentos de conversa como ponto de partida para a construção de narrativas de cunho simbólico. A “refeitura” do texto primeiro (lembrança) vai considerar as variantes de produção (texto – contexto – experiências) e é neste momento do discurso que o grupo se torna ouvinte. É necessária identificação para que isto ocorra. Essas lembranças, que estão na memória e servem de base para a construção das narrativas, não devem ser consideradas conservação do passado, mas reconstrução tendo em vista o presente e o futuro. (NOGUEIRA, 2008, p.134).

A seguir, apresento uma descrição da experiência desse cruzamento com as informações do autor Santos Tigre juntamente com as lembranças da comunidade utilizadas no instante presente da contação de história. Cada reconto está dividido aqui em partes diferentes. A primeira parte faz uma relação com a memória dos antepassados da comunidade da Penha. A segunda e última parte relaciono pontos turísticos da Penha com Calmaria e tempestades: memórias praieiras (1968).

3.6.4 A cada canto, um reconto (1ª parte)

Resolvemos sair para conhecer alguns lugares na comunidade que poderiam ser cenário para mais uma produção de narrativa. Foi quando o professor-preceptor Maurício sugeriu para irmos até o cemitério do bairro, pois ele fica do lado da escola. Os alunos olharam com cara de espanto, uns com o sentimento de medo, outros com muita curiosidade, pois nunca haviam adentrado em um cemitério, mesmo passando todos os dias na frente de um.

Sáímos em caminhada até o cemitério, todos silenciosos em sinal de respeito. Alguns alunos resolveram entrar e procurar o túmulo de seus familiares e contaram a história de como eles foram parar naquele lugar. Uns perderam os avós por enfermidades ou velhice, outros narraram a forma trágicas de alguns parentes que se foram. Outros permaneceram o

tempo todo em silêncio. Relacionei as histórias de Santos Tigres com aquele lugar, perguntei se eles acreditavam que tinham algum personagem descansando naqueles jazigos.

Eles saíram procurando e ao verem cada fotografia, faziam comparação com a Sinhá Firmina, Mané Fulô, Chica Fedor entre outros personagens das lembranças de Santos Tigre. Ao voltarem para escola, fizemos um processo diferente. Dessa vez, nossa aula não iria encerrar com cheirinho da aula e sim com o gostinho da aula. Enquanto lanchávamos socializamos uns com os outros o que foi interessante naquela tarde. Para essa aula utilizei as habilidades e competências da BNCC: (EF15AR18) (EF15AR21) (EF15AR22).



Figura 14 - Alunos do 4º ano aula-campo. Visita ao cemitério da Penha em busca de material para produção de narrativa. Fotografia: Acervo pessoal.



Figura 15 - O gostinho da aula, e a socialização de fatos interessantes da aula. Fotografia: Acervo

3.6.5 A cada canto, um relato (2ª parte)

Em mais uma tarde de sol, saímos em busca de mais histórias, dessa vez fomos visitar a casa dos milagres, conhecida como a casa dos ex-votos, que detém um dos maiores acervos de objetos deixados por romeiros na Paraíba. Muitos alunos não sabiam para que servia, nem se quer tinham entrado para uma visita. Ao entrar ficaram maravilhados com tanta coisa, partes do corpo humano feito de cera, currículos, fotos, imagens sacras, roupas, maquetes de residências. Analisaram um por um, e tentávamos juntos entender qual era a história que estava por trás de cada objeto daquele. A cada descoberta, uma história a ser contada. Tudo era coletado e guardado para contações futuras.



Figura 16 - Alunos do 4º ano em aula-campo. Visita a casa dos milagres, conhecida também como a casa dos ex-votos. Fotografias: Acervo pessoal.

Agora chegou a vez de contar mais uma história para os pequenos. Partimos para o Santuário de Nossa Senhora da Penha, onde escolhemos a escadaria como cenário para nossa história, escadaria com 144 degraus que servem de acesso, ainda hoje, para quem quer descer até a praia. “A caçada dos Jacus” da Obra “Calmarias e Tempestades - memórias praieiras” (1968) de Santos Tigres era a história a ser contada.

A história conta que certo dia Santos Tigre saiu para fazer uma caçada com seu amigo Rodolfo, o objetivo era capturar jacus, um pássaro comum que era comum na região da Penha. Toda trama é ambientada no território da Penha no início do século XX. Em seguida contei um “causo” de minha infância, “O buraco da veia” momento em que passei horas perdido em meio da mata de uma praia vizinha da penha, a praia de Jacarapé. Os alunos ficaram impressionados com cada detalhe da contação. (EF15AR18) (EF15AR21) (EF15AR22) e (EF15AR25) da Proposta Curricular da Paraíba.

O projeto estava encaminhando para últimas semanas, a saudade começa a se fazer presente. Subimos a escadaria e voltamos para a escola, pois teríamos mais um gostinho da aula.



Figura 17 - Alunos do 4º ano em visita a escadaria da Penha. Contação da história “Caçada dos Jacus”. Fotografia: Acervo pessoal.



Figura 18 - Finalização com o gostinho da aula e socialização de fatos interessantes da visitação. Fotografias de Acervo pessoal

Em novembro a E.M.E.F Antônio Santos Coelho Neto tem fixado em seu calendário escolar, o projeto Movimento Artístico Étnico-Racial da Escola da Penha. Em 2019 realizamos a 5ª edição com um belo evento. Na culminância, junto com os alunos do 4º ano, fizemos uma instalação com todas as narrativas elaboradas com base nas memórias dos alunos, intitulada de “Navegando no mar de lembranças”. Nos barquinhos de papéis continha uma pouco de cada aluno que fez parte desse processo.

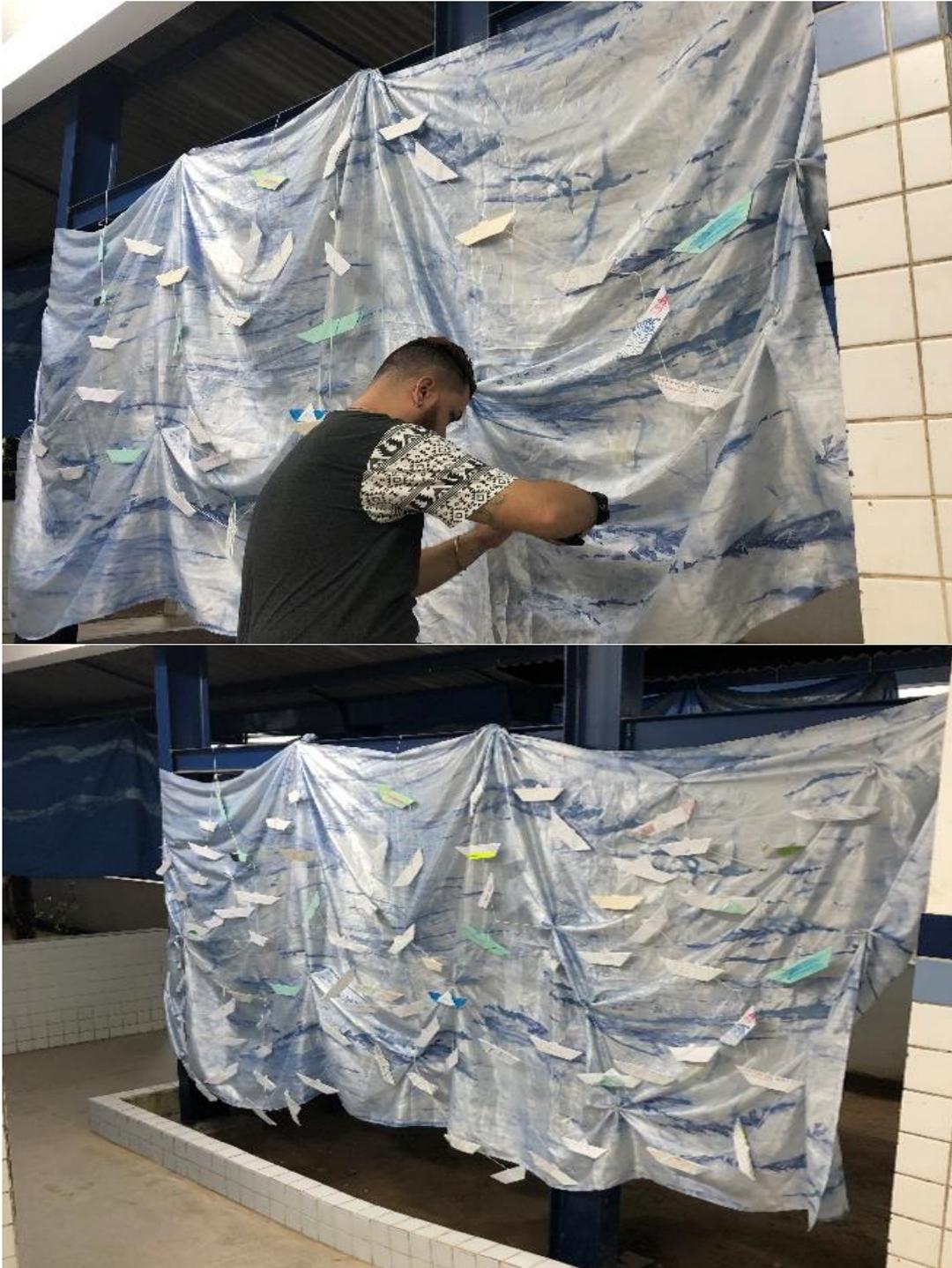


Figura 19 - Registo fotográfico da instalação: Navegando no mar de lembranças. Foto: Acervo pessoal.

As experiências vividas na Escola da Penha foram fundamentais para minha trajetória na docência em teatro. A cada história contada e recontada, percebia o interesse das crianças pelas aulas de teatro e a produção de novas narrativas. O ensino do teatro foi muito além do aprender a representar histórias.

Ao contar suas histórias oralmente, os alunos foram estimulados a desenvolver a sua imaginação, criatividade e elementos para uma boa contação de história, como a aplicação da voz, corpo, a utilização do espaço cênico, tudo isso em busca de uma melhor dramatização da história narrada. Esse processo acontece durante todas as aulas tanto para os alunos que ouvem como para aqueles que recontam uma determinada história de acordo com seu entendimento e interpretação.

Entre tantos resultados gerados no decorrer da pesquisa, a valorização das lembranças baseadas na relação com um lugar como a Penha foi o mais significativo. Ver no final do Programa Residência Pedagógica os alunos tendo orgulho de suas narrativas, todas criadas a partir de suas vivências no bairro que residem, é algo muito satisfatório. Foi uma linda experiência, cheia de aprendizado e saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a navegação para elaboração deste trabalho de conclusão de curso, pude despertar para um novo mundo de conhecimento. Entender como a contação de história pode potencializar o ensino de teatro e estimular a imaginação das crianças para um universo onde só elas têm a chave que as levam e as trazem de volta para a realidade. É surpreendente e fantástico mergulhar nesse mundo de lembranças e imaginação.

Como educador, nos cabe a responsabilidade de nos preparar para criar oportunidades para ampliar a mediação do conhecimento para nossos estudantes de forma prazerosa, buscando valorizar suas narrativas de vida, como também, do meio onde estão inseridos.

Escolhi o meu barquinho de papel e resolvi seguir em busca de um objetivo: Investigar a contação de história no processo de ensino e aprendizagem do teatro, tendo as memórias dos alunos do 4º ano como base para a construção de narrativa. A E.M.E.F Antônio Santos Coelhos Neto, conhecida como Escola da Penha, foi o cenário dessa grande embarcação.

Encontrei com Nossa Senhora da Penha, “Mainha” e Iemanjá. Agradei a “Mainha” por tantas histórias contadas, pedi a bênção e coloquei o barco no mar. Durante a navegação, pesquisei e tive o prazer de dialogar com grandes autores. Com Maurice Halbwachs, conheci a memória individual e coletiva; Walter Benjamin mostrou-me a importância de um narrador; Cléo Busatto, Celso Sisto e Regina Machado ensinaram-me técnicas para ser um bom contador de histórias. Ao dar uma pausa na navegação, encontrei com Candice Nogueira que, generosamente, com seu artigo, deu-me ânimo para continuar a desbravar o imenso universo teatral das contações de histórias.

Primeiramente, convidei os alunos do 6º ano para serem meus tripulantes nessa embarcação. Não foi nada fácil, deparei-me com uma rejeição ao teatro, tive que ir de acordo com o balanço da maré. Em uma de nossas conversas, perguntei onde residiam e a resposta jamais foi a que esperava. Disseram-me que moravam em qualquer lugar, menos na Penha. Foi nesse exato momento que uma luz no farol se acendeu e logo pensei, vou usar as próprias narrativas deles para evidenciar o bairro que eles moram, porém era apenas uma navegação passageira que foi de muita importância, pois me auxiliou no caminho que precisava seguir. E assim atraquei nosso barquinho.

Não podia parar a navegação pelo universo teatral das contações de histórias, precisava continuar. Depois de um curto período, segui viagem em meio ao mar da Penha, dessa vez meus tripulantes eram os alunos do 4º ano e com eles passei a maior parte do tempo navegando em histórias. Por incrível que pareça, as dificuldades foram menores, eles tinham uma maior disponibilidade para participar das aulas de teatro.

Seguimos viagem, meu objetivo nesse momento era coletar o maior número de lembranças possíveis deles ou do povo da Penha. Em encontro, um tripulante contava sua história, fazia um desenho e no final transformava em um barquinho de papel para fazer parte de nossa frota. Assim, nossa viagem seguiu por algum tempo. Até que, certo dia, encontrei com o autor Santos Tigre que em seu livro *Calmarias e Tempestades: memórias praieiras*, contou-me boa parte de suas lembranças da infância. Mais uma vez, a luz do farol se acendia, esse era o caminho a seguir.

Juntei todos os tripulantes do 4º ano e saímos pela comunidade da penha em busca de lembranças de seu povo. Nos principais pontos turísticos da Penha, recontei várias lembranças de Santos Tigres e juntos produzimos várias narrativas misturando as lembranças dos tripulantes com as de Tigres.

Foram tantas narrativas que formamos uma enorme frota de barquinhos de papel. Logo pensamos em exibir todos os barquinhos. Produzimos uma bela instalação intitulada de “Navegando no mar de lembranças”, foi um sucesso.

Durante essa incrível navegação, precisava relatar tudo que estava acontecendo. O processo de escrita foi bem complicado para um pescador de histórias de primeira viagem, assim como eu. Conseguia oralizar toda a trajetória, porém escrever sobre foi difícil, mas aos poucos, fui compreendendo esse processo da escrita refletindo a prática de ensino. Já escrever sobre minhas lembranças foi muito prazeroso.

O curso de licenciatura em Teatro me proporcionou estudos e experiências que foram de muita importância durante essa grande navegação pelo universo da contação de história. Tive a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos em disciplinas como a de Contação de história, Preparação corporal e práticas educativas, A voz do ator personagem, Experimentos cênicos, Teatro e educação, dentre outras, foram fundamentais para a elaboração e aplicação de conteúdos em minhas aulas de teatro na escola. A residência pedagógica é sem dúvidas a grande facilitadora dessa navegação, pois foi através desse

projeto realizado na UFPB e financiado pela CAPES que pude vivenciar ainda mais a docência em sala de aula.

Assim, finalizando essa grande navegação pelo universo teatral, e adentrando a contação de história, percebi como ela pode ser potencializadora para o ensino de teatro. Ver em cada aluno o prazer em ter suas lembranças na construção de suas narrativas foi muito gratificante. A identificação com os causos contados por Santos Tigre foi de grande importância, porque ajudou na valorização do bairro que eles residem, a Penha. Foi uma experiência pela qual me senti atravessado onde coisas se passaram e aconteceram comigo, situações me tocaram, assim como diz o grande autor Jorge Larosa Bondía.

Por enquanto irei atracar meu barquinho mais uma vez. Assim, finalizo esta navegação e espero que tudo que foi escrito e vivido seja útil aos leitores que até aqui acompanharam o compartilhamento dessas experiências. Esse barco ainda vai navegar muito em busca de novas histórias.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Magia, Técnica, Arte e Política. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. v. 1.
- BERNAT, Isaac. **Encontro com griot Sotgui Kouyaté**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan. / abr. 2002.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação infantil e ensino fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CIOTTI, Naira. **O híbrido professor-performer: uma prática**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, PUCSP, 1999.
- DESGRANGES, Flávio. **Quando teatro e educação ocupam o mesmo lugar no espaço** Disponível em: http://www2.eca.usp.br/inerte/sites/default/files/media/paper/quando_teatro_e_educacao_ocupam_o_mesmo_lugar_no_espaco.pdf. Acesso em: 10 jan. 2020.
- GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org.). **Arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação. Proposta Curricular da Paraíba: Ensino Infantil e Ensino Fundamental. João Pessoa, 2019.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Edições Vértice. Editora Revista Dos Tribunais Ltda, 1990. Título original: **La mémoire collective**
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo, Perspectiva, 2006.
- MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL. 2004.
- MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Tania Mara Rauen. **Contação de Histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: SESC, 2016.
- NOGUEIRA, Candice Firmino de Azevedo. O contador-narrador de histórias: Experiências coletivas e representação de mundo. **Graphos**. João Pessoa, v.10, n 1, 2008. ISSN 1516-1536.
- SANTANA, A. Trajetória, avanços e desafios do teatro-educação no Brasil. **Revista da USP - Sala Preta**, São Paulo, v. 2, p. 247-252, 26 nov. 2002.

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Aletria, 2012

TAHAN, Malba. **A Arte de Ler e Contar Histórias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1964 [1957].

TIGRE, Santos. **Calmarias e Tempestades - memórias praieiras**. [S. l]: Editor Aratu - 1979.

ANEXO

Para elaborar meus planos de aula, utilizei a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Proposta Curricular do estado da Paraíba, dando prioridade aos seguintes habilidades e competências.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR- BNCC (p.202 e 203): 4º ANO

(EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo;

(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.;

(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.);

(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.;

(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.;

(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos;

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR- BNCC (p.210 e 211): 6º ANO

(EF69AR25) Identificar e analisar diferentes estilos cênicos, contextualizando-os no tempo e no espaço de modo a aprimorar a capacidade de apreciação da estética teatral. Elementos da linguagem;

(EF69AR26) Explorar diferentes elementos envolvidos na composição dos acontecimentos cênicos (figurinos, adereços, cenário, iluminação e sonoplastia) e reconhecer seus vocabulários;

(EF69AR27) Pesquisar e criar formas de dramaturgias e espaços cênicos para o acontecimento teatral, em diálogo com o teatro contemporâneo;

(EF69AR29) Experimentar a gestualidade e as construções corporais e vocais de maneira imaginativa na improvisação teatral e no jogo cênico;

(EF69AR30) Compor improvisações e acontecimentos cênicos com base em textos dramáticos ou outros estímulos (música, imagens, objetos etc.), caracterizando personagens (com figurinos e adereços), cenário, iluminação e sonoplastia e considerando a relação com o espectador.

PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DA PARAÍBA (P.164): 2º CICLO - 4º E 5º ANO

(EF15AR19) Conhecer e reconhecer os elementos que constituem a linguagem teatral a partir da leitura e análise de objetos artísticos.

(EF15AR20) Conhecer, vivenciar e interagir com materiais, tecnologias, técnicas, instrumentos e procedimentos variados do teatro, experimentando-os de modo a utilizá-los nos trabalhos pessoais e coletivos de criação artística.

(EF15AR21) Vivenciar experiências educativas em teatro.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, e incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas.

(EF15AR26) Vivenciar processos educativos de diálogo interdisciplinar da arte com diferentes áreas de conhecimento e de diálogo inter territorial das diferentes linguagens artísticas, inclusive com as novas tecnologias

Proposta Curricular do estado da Paraíba (p.164): 3º Ciclo - 6º ao 9º ano

(EF69AR24) Reconhecer e apreciar artistas e grupos de teatro locais, brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas, entendendo os diferentes contextos históricos e culturais da humanidade.

(EF69AR25) Identificar e analisar diferentes estilos cênicos.

(EF69AR27) Pesquisar e criar formas de dramaturgias e espaços cênicos para o acontecimento teatral, em diálogo com o teatro contemporâneo.

(EF69AR29) Experimentar a gestualidade e as construções corporais e vocais de maneira imaginativa.

(EF69AR30) Compor improvisações e acontecimentos cênicos com base em textos dramáticos ou outros estímulos, caracterizando personagens.

(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.